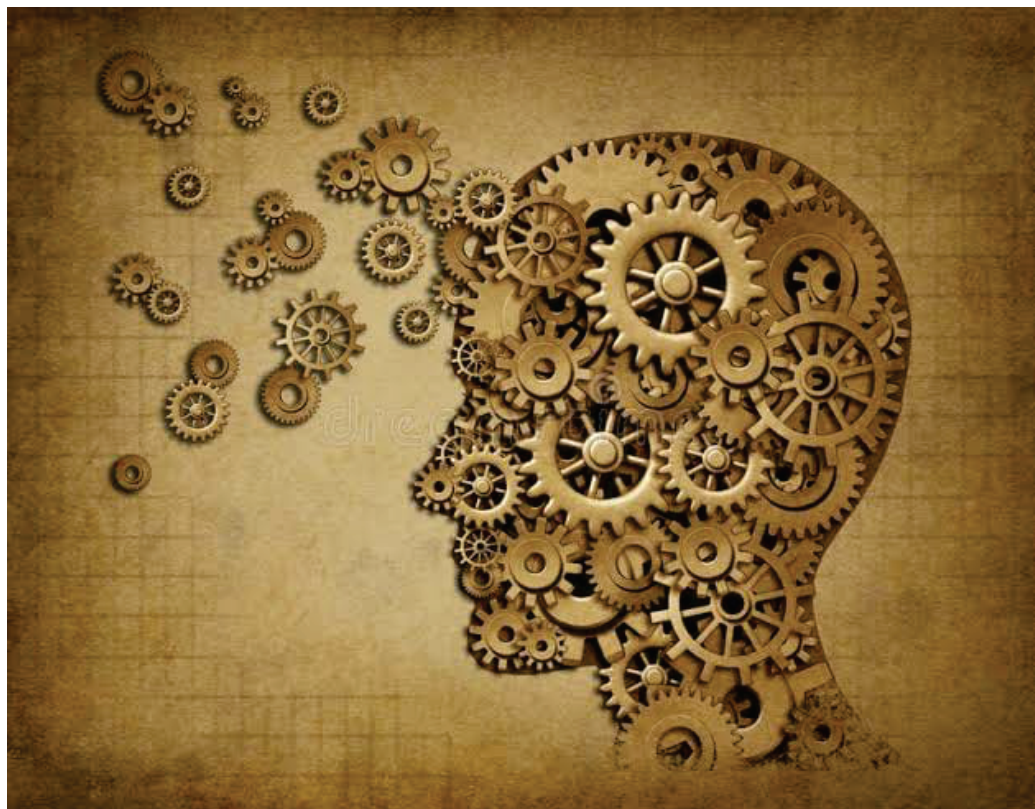


Foucault como referencial teórico metodológico na produção científica de Enfermeiras



Deybson Borba de Almeida
Nívia Vanessa Carneiro dos Santos
Organizadores



FOUCAULT COMO REFERENCIAL TEÓRICO
METODOLÓGICO NA PRODUÇÃO
CIENTÍFICA DE ENFERMEIRAS

DEYBSON BORBA DE ALMEIDA
NÍVIA VANESSA CARNEIRO DOS SANTOS
Organizadores

Foucault como referencial teórico metodológico na produção científica de Enfermeiras



Feira de Santana - Bahia
2020

Copyright © 2020 by Deybson Borba de Almeida e Nívia Vanessa Carneiro dos Santos (Organizadores)

Projeto gráfico: *Editora Zarte*

Editoração eletrônica: *Editora Zarte*

Capa: *Erica Silva sobre ilustração do google imagens*

Revisão de provas: *Os Organizadores*

Revisão textual: *Valdomiro Santana*

Conselho Editorial

Claudio André Souza

Danilo Uzêda da Cruz

Maria de Lourdes Novaes Scheffler

Mariana Fagundes de Oliveira

Maria Victória Espiñeira González

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F86 Foucault como referencial teórico metodológico na produção científica de enfermeiras [recurso eletrônico] / Deybson Borba de Almeida, Nívia Vanessa Carneiro dos Santos, organizadores. – Feira de Santana : Editora Zarte, 2020.
154 p. : il.

E-book (PDF)

ISBN 978-65-00-00882-1

1. Enfermagem. 2. Metodologia científica. 3. Foucault, Michel, 1926-1984.
4. Enfermeiras – produção científica. 5. Saúde – estudos. I. Almeida, Deybson Borba de. II. Santos, Nívia Vanessa Carneiro dos.

CDU: 001.8:616-083

Luis Ricardo Andrade da Silva – Bibliotecário – CRB 5/1790



Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Zarte

Rua Nacional nº 300 A, Parque Ipê

44054-064 — Feira de Santana, BA

Telefone: (71) 99116-6034 WhatsApp

E-mail: zartegraf@gmail.com

<http://blog.editorazartefsa.com>

A Xangô, sem ti não sou nada.
Laura Ferreira Borba de Almeida,
minha filha que espalha amor em mim.
Maridalva Souza Borba, mãe,
companheira de todas as horas.
Igor Ferreira Borba de Almeida,
por me fazer tão forte nos momentos difíceis.

SUMÁRIO

Prefácio 9

A constituição de sujeitos a partir de Michel Foucault: o saber, o poder, os dispositivos e as técnicas de si 15

Deybson Borba de Almeida
Gilberto Tadeu Reis da Silva
Nívia Vanessa Carneiro dos Santos
Igor Ferreira Borba de Almeida
Ingredy Nayara Chiacchio Silva
Laiane da Silva Santana

O referencial foucaultiano como possibilidade metodológica em estudos em saúde e enfermagem 37

Maria Itayra Padilha
Mara Ambrosina Vargas
Francielly Zilli
Alexandra Ferreira

O pesquisador e a pesquisa foucaultiana: uma proposição do modo de pensar a investigação em enfermagem 69

Cristina Nunes Vitor de Araújo
Flávia Regina Souza Ramos
Álvaro Pereira
Graziele de Lima Dalmolin
Francielly Zilli
Ana Carla Petersen de Oliveira Santos

Principais conceitos foucautianos utilizados em estudos acerca da enfermagem psiquiátrica 97

Maria Angélica de Almeida Peres

Alessandra Cabral de Lacerda

Angela Aparecida Peters

Gisele Fernandes Tarma Cordeiro

Wanderson Alves Ribeiro

Maria Itayra Padilha

Alguns temas que nos interessam a partir da perspectiva foucaultiana — de sujeitos a governos 123

Flávia Regina Souza Ramos

Arthur Ramos Gonzaga

Dulcinéia Ghizoni Schneider

Laura Cavalcanti de Farias Brehmer

Graziele de Lima Dalmolin

Cristina Nunes Vitor de Araújo

Dados dos autores 149

PREFÁCIO

Uma responsabilidade, uma honra e sobretudo um desafio.

Expresso o agradecimento aos coordenadores da obra e modero-me no desafio, já que o esperado num prefácio é, e bem, chamar a atenção para a valia e para o explanado no desenvolvimento da temática a que se propuseram os autores, aliciando, a jeito de entrada, para quão interessante e útil, possa ser a leitura.

Foucault como referencial teórico metodológico na produção científica de Enfermeiras, suscita-me desde logo um redobrado interesse. Tenho procurado respostas para questões como a possibilidade do conhecimento em enfermagem como ciência, e as formas da sua concretização. É, portanto, sob o ponto de vista da epistemologia que me coloco e, é neste ponto de partida, que encontro elevada pertinência nos contributos dos autores dos diversos capítulos desta obra.

Referir a epistemologia da enfermagem, ou como alguns autores enfermeiros norte-americanos formalizam — metateoria —, comporta a constatação de que neste campo de saber antigo, mas disciplinar recente, mesmo emergente, a natureza dos conhecimentos reunidos de forma sistemática dando corpo a uma unidade coesa e disciplinada, diferenciada, de outras disciplinas, a que chamamos conhecimento de enfermagem ou ciência de

enfermagem, só é possível em função da utilização de múltiplos métodos.

Ou seja, para a síntese do conhecimento específico de enfermagem, os enfermeiros utilizam, métodos, caminhos organizados, disciplinados, verificáveis e replicáveis para a descoberta da verdade neste campo, oriundos das ciências exatas, das ciências da natureza, das ciências sociais, das ciências do comportamento, das humanidades, dos saberes tradicionais, dos saberes da prática... De onde decorre, que o conhecimento das escolas do pensamento atual, e a apropriação disciplinar das suas metodologias como as formuladas por Foucault, seja não só desejável, como necessária, para o desenvolvimento da enfermagem.

De múltiplos aspectos que podemos encontrar na obra de Foucault e que nos servem para o desenvolvimento teórico da enfermagem, poderíamos escolher e dissertar sobre vários, de uma forma bem vasta. Deixamos para a leitura desta obra o aprofundar dessa oportunidade.

No entanto, permitam-me destacar um aspecto metodológico e um aspecto conceitual. Claramente abordados pelos autores ao longo dos capítulos, e não dispensando a sua leitura atenta, enfatizaria, por um lado as possibilidades metodológicas da abordagem da arqueologia dos saberes e da genealogia, e por outro a relevância do conceito cuidado de si. Conceito tão estudado por Foucault, e a ter uma presença significativa, como conceito migratório, apropriado no contexto da enfermagem.

A arqueologia dos saberes e a genealogia, enquanto metodologias, colocam-nos no âmbito dos termos e conceitos, e das práticas constituintes dos discursos. Quando pensamos a enfermagem e quando tentamos identificar o que pensam hoje da enfermagem, os seus

profissionais e a população em geral, teremos sempre como referência a afirmação de Foucault “... o pensamento não pode, evidentemente, ser dissociado dos discursos; e, em todo o caso, não podemos aceder ao pensamento, seja a nosso pensamento presente, ao nosso próprio pensamento, ao pensamento dos nossos contemporâneos ou, por certo, ao pensamento das pessoas dos períodos anteriores — só temos acesso a eles através dos discursos. É isto que torna necessário o estudo arqueológico”. (Foucault, 2017, p.106)

A análise discursiva foucaultiana, no limiar da cientificidade positivista, usando e distanciando-se ao mesmo tempo da linguística, das análises estruturalistas e concretizando-se nos concretos temporalmente inseridos em continuidades e descontinuidades, no âmbito da teoria das ideias, revelando jogos de poder, na sua escala micro, “microfísica do poder”, quer-nos parecer que permite abordagens significativas para uma ontologia da enfermagem, de forma desempoeirada, dinâmica, não linear, antes complexa, no sentido de Edgar Morin. Permite a meu ver à alocação de metodologias para a abordagem do conhecimento específico de enfermagem que não se restringe ao conhecimento científico, mas tem em conta outros saberes, considerando a enfermagem liberta do colete de forças positivistas e encontrando razões explicativas numa epistemologia da prática.

E, sobre a metodologia Michel Foucault esclarece: “... quando utilizava a expressão “investigação arqueológica”, queria dizer que aquilo de que me ocupo é uma série de discursos que devem ser analisados enquanto acontecimento ou série de acontecimentos”. (Foucault, 2017, p. 105)

Para Foucault a arqueologia discursiva designa e limita o domínio em que se desenvolve a genealogia, entendendo

por genealogia a razão e o objetivo da análise desses discursos enquanto acontecimentos. Propõe-se mostrar “como esses acontecimentos discursivos determinam, de certa maneira, aquilo que constitui o nosso presente e que nos constitui a nós próprios, o nosso conhecimento, as nossas práticas, o nosso tipo de racionalidade, as nossas relações com nós próprios e com os outros.” (Foucault, 2017, p. 105)

Facilmente percebemos a utilidade metodológica proposta, arqueologia discursiva e genealogia, para o esclarecimento da origem, desenvolvimento e evolução das ideias incorporadas em conceitos que na enfermagem de hoje assumem centralidade, tais como: cuidar, cuidados, autocuidado, cuidado de si, cuidado cultural, prestar cuidados, transições, adaptação, necessidades humanas fundamentais, compaixão, solicitude, entre outros. A história das ideias na enfermagem ganha com a abordagem foucaultiana. Escavando a origem dos conceitos e ligando-os aos contextos onde surgiram, foram e são utilizados, adquire-se substancial precisão nas definições em uso.

O conceito cuidado de si, tem nos últimos tempos sido utilizado por investigadores de enfermagem nos seus artigos teóricos e nos relatos das suas investigações. Os conceitos em cada área disciplinar surgem e vão adquirindo centralidade a medida da sua utilização. Os conceitos centrais nas disciplinas servem para dois fins: delimitar o campo de interesse disciplinar ajudando na identificação do que é próprio e o que distingue de outros saberes; e explicar, através da sua utilização em discursos coerentemente organizados, o que os profissionais dessa disciplina fazem no concreto.

Os conceitos disciplinares podem ser conceitos próprios, quando surgem, nesse âmbito disciplinar, e

conceitos migratórios quando tem origem fora do campo, mas assumem aspectos específicos dentro da disciplina em que estão a ser usados. É neste ultimo caso que podemos perceber a utilização do conceito cuidado de si. Foucault estudou através da arqueologia de saberes e da genealogia de uma forma profunda o conceito de cuidado de si, nomeadamente na “Hermenêutica do Sujeito”, na “História da Sexualidade III — O cuidado de si”, na obra “O que é a crítica? Seguido de A Cultura de Si”.

Importa revisar que em medida este conceito é complementar ou diferenciador de outros conceitos em torno do cuidar que também são utilizados na enfermagem. Considerar em que medida o cuidado de si tem no âmbito da enfermagem um sentido operativo, ou seja, serve para contar, diga-se descrever, discursivamente, o que os enfermeiros fazem. Torna-se necessário precisar, com objetividade, a ideia concreta que é colocada neste conceito pelos enfermeiros que o utilizam. Ou seja, a que se referem quando utilizam o conceito cuidado de si.

Perante a riqueza de conteúdo dos capítulos deste livro, elaborados por prestigiados pensadores de enfermagem, pouco importam as considerações produzidas neste prefácio. Sem certezas, pretendi registar questões que possam entusiasmar para o estudo de Michel Foucault, particularmente na ligação com a enfermagem, e nisso, não duvido que o tempo empregue na apropriação discursiva dos capítulos seguintes será fundamental e bastante proveitoso.

Estamos perante uma obra bem organizada, com capítulos logicamente sequenciados. Deybson de Almeida e coautores abrem o livro com a constituição de sujeito e seus aspetos envolventes. Maria Itayra Padiha com os seus coautores dissertam de seguida sobre as possibilidades

metodológicas. Cristina Araújo e coautores abordam o modo de pensar a investigação em enfermagem nesta perspetiva. O capítulo que segue é de Maria Angélica Peres e coautores sobre conceitos foucaultianos em enfermagem psiquiátrica. Flávia Regina Souza Ramos e coautores explanam temas de interesse a partir de Foucault, de sujeitos a governos. Impossível é dizer o que priorizar, importa começar pelo início e levar até ao fim.

Parabéns aos autores e coautores, e boa leitura.

Paulo Joaquim Pina Queirós

Professor Coordenador na Escola Superior de Enfermagem
de Coimbra. Investigador principal na UICISA: E.
Doutor em Desenvolvimento e Intervenção Psicológica.
Coimbra - Portugal

Referências

Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal

Foucault, M. (1994). *História da sexualidade III. O cuidado de si*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

Foucault, M. (2006). *Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes

Foucault, M. (2014). *A arqueologia do saber*. Lisboa: Edições 70

Foucault, M. (2017). *O que é a crítica? seguido da Cultura de si*. Lisboa: Edições Texto & Grafia Lda

A constituição de sujeitos a partir de Michel Foucault: o saber, o poder, os dispositivos e as técnicas de si

Deybson Borba de Almeida
Gilberto Tadeu Reis da Silva
Nívia Vanessa Carneiro dos Santos
Igor Ferreira Borba de Almeida
Ingredy Nayara Chiacchio Silva
Laiane da Silva Santana

Introdução

O objetivo central deste capítulo é apontar o campo teórico e filosófico de Michel Foucault como possibilidade de analisar os sujeitos que, este autor, são constituídos de saberes, poderes, dispositivos e técnicas de si. Esta afirmativa apresenta discordância com a assertiva de muitos estudiosos que dividem a construção teórica de Foucault em três etapas: a arqueologia, a genealogia, os estudos sobre a ética ocidental com as técnicas de si.

No que concerne à definição de sujeito, baseando-nos na obra de Revel (2011), podemos afirmar a existência de três tipos de sujeitos: os do conhecimento, marcados por uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações com a verdade; os sujeitos políticos, representados por sujeitos que agem sobre os outros e que estabelecem relações de poder; e, por fim, os sujeitos éticos, representados nas nossas

relações com a moral, a qual permite que nos constituamos como agentes éticos.

Neste capítulo nos debruçamos no sujeito em sua completude, aquele que exerce algum tipo de poder e ou contrapoder, aporta saberes e está imerso nos dispositivos e técnicas de si.

Contudo, partindo do pressuposto acima aventado, o de que o objeto da obra de Foucault sempre foi o sujeito, seja na fase arqueológica, genealógica e na etapa dos estudos relacionados à ética, destacamos as assertivas seguintes:

- a) de acordo com Fonseca (2012), fica explicitado que tanto as práticas de saber, de poder e as técnicas de si vão constituir esse sujeito, ou assujeitamento, que se conforma em uma hermenêutica (interpretação), segundo a qual há uma circularidade dos processos de objetivação e subjetivação;
- b) a problematização de Foucault (2000), ao discutir as ciências humanas, trazendo a complexidade do objeto e contexto, a positividade dos saberes, o encadeamento dedutivo linear, a relação de elementos descontínuos, mas análogos e a reflexão filosófica sobre o homem alienado das formas simbólicas;
- c) para Pez (2016), a constituição do sujeito acontece através de mecanismos de objetivação e subjetivação, tendo como um dos eixos dos mecanismos de objetivação os descritos em processos e recursos de adestramento para tornar o homem/mulher dócil e útil. Já com relação aos mecanismos de subjetivação podemos destacar quando o sujeito tem uma identidade atribuída como sua;

d) conforme Brunni (1989), o homem é concebido como sujeito ativo, autor que tem seu próprio ser destinado à revolução, à liberdade e à conquista da natureza. O sujeito não está dado nem acabado; o conceito de sujeito não é estático; não há dominação absoluta, existindo práticas de liberdade constituídas em meio às lutas políticas.

O filósofo Michel Foucault

Michel Foucault nascido na França, em 1926, era, além de filósofo, historiador, teórico social, filólogo e crítico literário, sendo que ele próprio classifica sua obra como uma história crítica da modernidade. Embora pertencesse a uma família tradicional de médicos, optou pela filosofia e foi influenciado por um padre para se dedicar ao estudo da História.

Por ser questionador das coisas em si, autodidata, licenciou-se em Filosofia e Psicologia. Viveu o contexto da Segunda Guerra Mundial e trabalhou, no início de sua vida adulta, como professor, da qual veio a ser um crítico, e atuou em um hospital psiquiátrico.

Em junho de 1984 morre acometido pela Síndrome da Imunodeficiência Humana. Publicou várias obras dentre as quais: *Doença mental e psicologia* (1954); *História da loucura na idade clássica* (1961); *Raymond Roussel* (1963); *O nascimento da clínica* (1963); *As palavras e as coisas* (1966); *A arqueologia do saber* (1969); *A ordem do discurso*

(1970 — aula inaugural do Collège de France); *Vigiar e punir* (1977); *A vontade de saber — História da sexualidade I* (1976); *O uso dos prazeres — História da sexualidade II* (1984); *O cuidado de si — História da sexualidade III* (1984).

Uma maneira questionável de mapear a sua produção intelectual é por fases, que são três, descrita a seguir:

- a) Primeira fase: construída na década de 1960, centrada em estudos arqueológicos, onde aborda o discurso, o enunciado e o arquivo, assim como a centralidade da pesquisa histórica, destacando o sistema vertical (as coerências) e horizontal (o visível e o conhecido).
- b) Segunda fase: iniciada na década de 1970, denominada genealógica, em que discute o poder, o ser-poder e o sujeito de ação. A genealogia busca descrever a antítese das essências (as ascendências — uma investigação que não busca terrenos firmes, senão areias movediças, fragmentos, omissões e incoerências deixados de fora pela história tradicional).
- c) Terceira fase: situada na década de 1980, denominada de estudos sobre a ética, é um ponto de articulação entre o político e a reflexão crítica, contra as técnicas abusivas de governo, em que aborda a liberdade individual atenta ao imperativo socrático, “ocupa-te de ti mesmo”, “constitui-te livremente pelo domínio de ti mesmo”.

Não obstante, é válido destacar que estas fases estão interligadas e possuem uma coerência entre si, pois, ao articular o discurso, o poder e a ética, podemos analisar a

constituição de sujeitos sociais. Assim como o seu caráter epistemológico, destaca-se uma série de eixos estruturantes do discurso e das práticas de poder para o entendimento das pessoas em si e de sua relação com o mundo e com os outros.

Ao analisar as três fases, compreendemos que todas são constitutivas para o entendimento do objeto deste capítulo, a construção de sujeitos.

Compreendendo Michel Foucault

Um passo importante para a compreensão de sua obra, ao analisar o sujeito, passa pela compreensão de conceitos que são a chave para a codificação dos indivíduos e seus artefatos, em destaque:

a) O dispositivo

Em termos conceituais, o dispositivo pode ser entendido como um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Em resumo, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo (FOUCAULT, 2014, p. 244).

Em uma perspectiva social, o dispositivo pode ser compreendido como estratégias de relações de força que

suportam tipos de saberes e vice-versa. São as práticas atuando como um aparelho, uma ferramenta, constituindo sujeitos e organizando-os.

Para Deleuze (1999), o conceito multilinear do dispositivo é alicerçado em três grandes eixos que, na verdade, se referem às três dimensões distinguidas por Foucault sucessivamente: saber, poder e produção de modos de subjetivação.

Em sentido restrito, Foucault considera a genealogia do poder como um dispositivo político. Para ele o poder não está localizado em um ponto específico da estrutura social, funciona por dispositivos de aprisionamento, libertação, moralização, vigília, punição, onde nada, nem ninguém escapa, já que não existem limites nem fronteiras.

Partindo para um enfoque mais específico sobre o poder, para Foucault este só existe em ação, é exercido, não se troca, não se vende, não retorna. O poder é relação de forças. O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos e uma classe. O poder é essencialmente repressivo. O poder não deve ser analisado dentro de uma perspectiva teórica e contratual, mas em termos de combate, de confronto e de guerra.

Acrescenta ainda que o poder se encontra em mecanismos positivos, produtores de saber, multiplicadores de discursos, indutores de prazer e geradores de mais poder.

Para Foucault (1979), o exercício do poder não é simplesmente uma relação entre parceiros individuais e coletivos, é um modo de ação de alguns sobre outros. O poder só existe em ato. O que define a relação de poder é um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre

os outros, mas que age sobre sua própria ação e que só se exerce sobre sujeitos livres.

Percebemos que todo sujeito é em parte livre e em parte alienado. Os sujeitos, apesar de depender da venda de sua força de trabalho para sobreviver e de tão marcada alienação, muitas vezes nem se compreendem como trabalhadores, sendo ao mesmo tempo livres, e a partir das curvas de visibilidade exercem práticas de liberdade, rompem com o instituído e vão em direção a projetos de felicidade, mais livres do que dominados.

Entendemos que a perspectiva da alienação dos indivíduos ocorre a partir de práticas de vigilância que, na descrição foucaultiana, visa adestrar corpos vigorosos como imperativo de saúde, obter oficiais competentes como imperativo de qualificação, formar sujeitos obedientes como imperativo político, prevenir a devassidão e a homossexualidade como imperativo de moralidade (FOUCAULT, 1979).

Ainda na direção da constituição dos sujeitos, podemos discorrer sobre o olhar disciplinar para o estabelecimento da ordem, dos padrões de comportamento e da normalidade, onde o normal se estabelece como princípio de coerção no ensino com a criação de uma educação padronizada e a criação das escolas tradicionais.

Contudo, como um erro, a dimensão política dos sujeitos é uma parte imanente dos indivíduos e, apesar de prejudicada pela educação tradicional e hierarquizada, produz resistências e deflagra o jogo de poder e a correlação de forças no jogo da vida. Essa dimensão aplica-se ao cotidiano imediato que categoriza o indivíduo, marca-o em sua própria individualidade, liga-o em sua própria

identidade, impõe-lhe uma lei de verdade que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele.

Nesta direção, para Foucault, é importante entender os sistemas em que os indivíduos se tornam sujeitos, como resultado de um intrincado processo de objetivação, que pode ocorrer no interior das redes de poderes, na captura, divisão e classificação.

Em outro ponto e para subsidiar a compreensão do sujeito e sua expressão política, ressaltamos que a política da qual nos referimos é entendida como exercício de poder, dimensão inerente do ser humano, de sua ação ou falta de ação como sujeito social e que se encontra vinculada a um processo, através do qual os interesses são transformados em objetivos e os objetivos são conduzidos à formulação e a tomada de decisões efetivas (RIBEIRO, 1998).

Para este mesmo autor, a política não é apenas uma coisa que envolve discursos, promessas, eleições, partidos e sistemas políticos. Não é uma coisa distinta de nós. É a condução da nossa própria existência coletiva, com reflexos imediatos sobre nossa existência individual, nossa prosperidade ou pobreza, nossa educação ou falta de educação, nossa felicidade ou infelicidade.

b) O discurso

Para Foucault os discursos possuem categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas e tipos institucionalizados que merecem ser analisados. O enunciado discursivo é uma das lentes para a compreensão

da constituição dos sujeitos, dos jogos de verdade, da interação entre o saber e o poder, forças que confluem de modo muito particular e similar.

Segundo Foucault, é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros.

Recomenda ainda colocar em questão as sínteses acabadas, os agrupamentos que, na maioria das vezes, são aceitos antes de qualquer exame, laços cuja validade é reconhecida desde o início. É preciso desalojar as formas e as forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens.

Por isso, há uma regularidade discursiva, que pode ser entendida como aquilo que está posto, que é tido como tácito, como verdadeiro, já a descontinuidade é o que está velado, que não podemos identificar a priori, pois o conhecimento científico e o senso comum regulam em contrário essas “verdades” (FOUCAULT, 1986).

Na visão de Foucault (1986), as regularidades discursivas devem ser analisadas com precaução, apesar da consciência coletiva ser soberana; há de se refletir sobre as descontinuidades, rupturas, limiares e limites. Portanto, é importante libertar-se da continuidade como exemplo, a tradição que é permeada de intencionalidades, as quais visam dar importância temporal e singular a um conjunto de fenômenos.

Contudo, o filósofo afirma que não se trata de recusar as continuidades, deve-se mantê-las em suspenso, sacudir a quietude com a qual as aceitamos, mostrar que elas não se

justificam por si mesmas, que são sempre o efeito de uma construção cujas regras devem ser conhecidas. Trata-se de arrancá-las de sua quase evidência, liberar os problemas que colocam, reconhecer que não são um lugar tranquilo a partir do qual outras questões podem ser levantadas. Trata-se de reconhecer que elas talvez não sejam, afinal de contas, o que se acreditava que fossem à primeira vista.

As descontinuidades discursivas são definidas por Foucault (1989) como saber dominado e sepultado, mascarado por coerências funcionais ou em sistematizações formais, porque só os conteúdos históricos podem permitir a clivagem dos confrontos, das lutas que as organizações funcionais ou sistemáticas tec o objetivo de mascarar. Portanto, os saberes dominados são um bloco de saber histórico que estava presente e mascarado no interior dos conjuntos sociais.

Em uma perspectiva foucaultiana, ativar as descontinuidades discursivas passa por dar visibilidade aos saberes locais descontínuos, desqualificados e não legitimados contra a instância teórica unitária que pretendia depurá-los, hierarquizá-los e ordená-los em nome de um conhecimento “verdadeiro” e dos direitos da ciência. Trata-se da insurreição dos saberes.

c) As curvas de visibilidade e regimes de enunciabilidade: produção de objetos discursivos

Para Marcello (2004), estas curvas e regimes são elementos estruturais do dispositivo (o poder em sua

dimensão política), que permitem o nascimento do sujeito, Assim, visam a sustentar, iluminar, se difundir e se mostrar visíveis, fazendo com que se produza o sujeito em toda sua positividade.

Em uma direção prática, compreendemos que as curvas de visibilidade estão expressas nas pessoas, como uma luz que incide sobre tal ou qual sujeito, cuja existência não poderia manifestar-se sem ser iluminada por ela. Como exemplos: confronto, questionamento, liderança, inquietação, identidade profissional, saber, poder, disponibilidade, indignação e liberdade.

Porém, para Foucault, as curvas de visibilidade não são algo dado, construído e acabado, preexistente ao indivíduo, mas um sistema aberto, constituído por um jogo de forças criado e operacionalizado por tais curvas e regimes, em conjunto com as demais linhas do dispositivo da maternidade, estabelecendo relações de forças e se localiza no não dito e no dito e em tudo que ilumina o fenômeno.

A objetivação e subjetividade dos sujeitos

Para compreender o sujeito, precisaremos identificar os seus modos de objetivação, que para Foucault são três: o que se apresenta na investigação e tenta atingir o estatuto de ciência, o que visa a objetivação em práticas divisórias e aquele em que o ser humano torna-se sujeito.

Outro aspecto importante, citado por Foucault, diz respeito a constituição da subjetividade, que considera o

saber e o poder dos indivíduos, sua coadaptação, pois opera “além das duas formas ou aquém destas”, resultando em uma variância de indivíduos (DELEUZE, 1992, p. 77).

Para o entendimento mais apropriado desta citação, podemos esquematicamente representar o processo de subjetivação dos sujeitos em um sistema quatro por quatro, onde os indivíduos podem, temporariamente, se posicionar em diversos pontos, de mais ou menos poder, de mais ou menos saber e suas possibilidades articuladas.

Entendemos com isso que os sujeitos podem estar posicionados no mais poder e mais saber, sendo que este saber e poder são compreendidos no espaço político e ao tempo em que são refletidos no sujeito, e a este último agrega mais saber e mais poder, se configurando como um dispositivo gerador.

Em específico, Foucault aborda o domínio das técnicas de si, daquilo que o sujeito faz consigo mesmo, aqui entendido como uma inter-relação da objetivação e subjetivação apresentadas anteriormente e que diz respeito ao modo pelo qual ele se torna objeto de sua ação.

Quanto às técnicas de compreensão do sujeito, apontadas por Foucault (1999), são as técnicas de produção, graças às quais podemos produzir, transformar e manipular objetos; as técnicas de sistemas de signos, que permitem a utilização de símbolos, de sentidos, de sinais ou de significação; as técnicas de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, submetendo-os a certos fins ou a dominação, objetivando o sujeito; e as técnicas de si, que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser, de trans-

formar-se, a fim de atender a certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade.

Linhas de força

Para Marcello (2004), as linhas de força são aquelas que mais nos “dizem” sobre a criação e a disposição estratégica de práticas discursivas. Tais linhas agem egoisticamente em favor da produção de novas formas de objetivação sobre a maternidade. Isso ocorre justamente porque as linhas de força retificam as curvas de visibilidade e os regimes de enunciabilidade, delineiam suas formas, delimitam seus trajetos, traçando os caminhos que os dois irão percorrer (e de que maneira poderão manifestar sua existência).

Para o mesmo autor, essas linhas se compõem, tal como o poder em relação ao saber: não como causa e consequência, mas através de uma relação de mútua dependência e de articulação recíproca.

Linhas de fuga, de ruptura

Segundo Marcello (2004), as linhas de fuga e de ruptura estão centradas na ação ou falta de ação contrária ao dispositivo, que agrega possibilidades de entendimento ao objeto estudado, bem como conduzem possibilidades interpretativas do contexto histórico, cultural e social dos sujeitos.

Considerações finais

Desse modo, voltamos a discussão da constituição do sujeito, para destacar as dimensões da arqueologia discursiva, da genealogia e da cultura de si.

Arqueologia discursiva

Em específico, nesta dimensão, a dos saberes constitutivos de sujeitos, indicamos que o cerne de análise e apreensão está em seu enunciado discursivo, buscando identificar aspectos como a tradição, a intencionalidade e a temporalidade das falas. Tal apontamento está ancorado, de modo central, em duas obras: *A arqueologia do saber* (FOUCAULT, 2014) e *As palavras e as coisas* (FOUCAULT, 2000).

Segundo Foucault (2014, p. 27):

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos para conjurar seus poderes e perigos, dominar o acontecimento aleatório e esquivar sua pesada e temível materialidade.

Porém, Revel (2011) complementa que a arqueologia se concentra em recortes históricos precisos a fim de descrever, não só a maneira pela qual os diferentes saberes locais se

determinam, a partir da construção de novos objetos que surgiram em um determinado momento, mas, também, como eles se correspondem entre si e descrevem de maneira horizontal uma configuração epistêmica coerente.

Para essa autora, no interior da arqueologia encontram-se tanto a ideia da arca, centrada na ideia dos objetos de conhecimento, como a ideia de arquivo, centrada no registro desses objetos. Por isso, é importante a leitura horizontal das discursividades por meio da análise vertical, direcionada ao presente das determinações históricas do nosso próprio regime de discurso.

Em uma direção mais operativa, Muchail (2004) afirma que nas análises de Foucault, os discursos são tomados em sua positividade como “fatos” e trata-se de buscar, não sua origem ou seu sentido secreto, mas as condições de sua emergência, as regras que presidem seu surgimento, seu funcionamento, suas mudanças, seu desaparecimento, em determinada época, assim como as novas regras que presidem a formação de novos discursos.

A genealogia e a constituição de sujeito

Para a elaboração deste item, identificamos alguns dispositivos genealógicos de construção de sujeito, as práticas de objetivação e subjetivação, que são determinadas pela vigilância e assujeitamento das pessoas, aqui denominadas o panóptico na história de vida; em contrapartida, as práticas de liberdade, que oportunizam outras modalidades

de objetivação/subjetivação dos sujeitos, configuram-se no desfecho teórico aplicado das obras de Foucault: *Microfísica do poder* (1998), *A ordem do discurso* (2014) *Vigiar e punir* (1999) e *Estratégia, poder-saber* (2012).

Em uma perspectiva conceitual, Revel (2011) apresenta quatro núcleos teóricos: genealogia, poder, disciplina e libertação.

- Genealogia: entendida como uma investigação histórica, que se opõe ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teologias, que se opõe à unicidade da narrativa histórica e à busca de sua origem.

O método genealógico é a tentativa de desassujeitar os saberes históricos, isto é, de torná-los capazes de se opor e de lutar contra a ordem do discurso. Isso significa que a genealogia não busca somente no passado a marca dos acontecimentos singulares, mas que ela se questiona a respeito da possibilidade dos acontecimentos dos dias de hoje, e assim nos resgatará da contingência que nos fez ser o que somos e da possibilidade de não ser mais.

- Poder: para Revel (2011), é necessário que sejam firmados pontos como o sistema de diferenciação, o objetivo dessa ação sobre a ação dos outros, as modalidades instrumentais, as formas de institucionalização e o grau de racionalização.

Enfim, para Foucault, o poder constitui uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os

seres humanos tornaram-se sujeitos, em três modos de objetivação: o primeiro é determinado pelo saber, o segundo está representado nas práticas de dominação/libertação dos sujeitos e o terceiro é o modo pelo qual um ser humano torna-se sujeito ético.

- A disciplina: os processos regionais de disciplinarização, que se desenvolveram na época clássica em escolas, exércitos, prisões e nos hospitais, têm características comuns como: a distribuição dos indivíduos no espaço; o controle da atividade; a vigilância perpétua; a sanção normalizadora e o registro das observações.

Para Revel (2011), o regime disciplinar caracteriza-se por um regime de técnicas de coerção, exercidas segundo um esquadramento esquemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que abrangem, particularmente, as atitudes, os gestos e os corpos. Nos discursos dos sujeitos podemos reconhecer as técnicas de disciplinarização e alienação no âmbito da formação educacional, familiar e do trabalho.

- Libertação: este é um dos caminhos possíveis de constituição dos sujeitos, na perspectiva genealógica, com referência às práticas de liberdade pela construção de outras modalidades de objetivação, configurando-se no desfecho teórico divergente dos processos de disciplinarização, também fundamentado nas obras de Foucault, tais como:

Microfísica do poder (1998), *A ordem do discurso* (2014), *Vigiar e punir* (1999) e *Estratégia, poder-saber* (2012).

Nesta direção, identificamos as práticas de liberdade nos discursos dos sujeitos, que para Foucault é no interior das relações de poder, invertendo-as, dobrando-as e reapropriando-se delas que se afirmará sua própria liberdade, a qual tende a partir de uma relação ética — constitutiva e criadora com o si.

A partir desta possibilidade analítica, as práticas de liberdade dos sujeitos pela construção de outras modalidades de objetivação, é necessário enveredar para os estudos da ética de Foucault, em especial a ética do cuidado de si como prática de liberdade, ao discutir uma série de procedimentos que pretendem registrar a verdade do indivíduo.

Em especial, tendo como pontos de articulação a preocupação e a luta política pelo respeito dos direitos, a reflexão crítica contra as técnicas abusivas de governo e a investigação ética permite instituir a liberdade individual e o imperativo socrático: “Ocupa-te de ti mesmo”. “Constitui-te livremente pelo domínio de ti mesmo”.

Os dispositivos e técnicas de si

Por último, nesta dimensão de construção do sujeito, são compreendidas as tecnologias de produção, isto é, a maneira pela qual os indivíduos se relacionam consigo e tornam possível a relação com outrem.

Em uma perspectiva teórica, as técnicas de compreensão do sujeito são classificadas em:

- Técnicas de produção, graças às quais podemos produzir, transformar e manipular objetos;

- Técnicas de sistemas de signos, que permitem a utilização de signos, de sentidos, de símbolos ou de significação;

- Técnicas de si, que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformar-se, a fim de atender a um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade.

Assim, entendemos que a obra de Michel Foucault é uma possibilidade metodológica e de referencial filosófico para estudos sobre enfermeiras e a enfermagem, suas práticas e seus processos de trabalho. Tanto no campo hospitalar, com suas lógicas, saberes, assujeitamentos, libertação, vigilância e punição, quanto no campo da Atenção Primária e suas tentativas de manter/romper com modelos hegemônicos, práticas disciplinadoras e de libertação, dispostas nas relações inter-profissionais, em que o foco é o cuidado do indivíduo, da família e da comunidade.

Referências

BRUNI, J. C. O Sujeito em Foucault. *Tempo Social*, **Rev. Sociol. USP**, São Paulo, 1989.

DELEUZE, G. **A imagem-tempo**. Cinema 2. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1999.

DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FONSECA, J. P. A.. Considerações sobre a constituição do sujeito do cuidado de si no pensamento de Michel Foucault. **Veritas**. v. 57, n. 1, jan./abr. p. 143-152, Porto Alegre, 2012.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. **A arqueologia do saber**. 8ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **Ditos e Escritos**, Vol. II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Résumés de cours** (1970-1982). Paris: Julliard, 1989.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 20ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

MARCELLO, F. A. O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção aфонística de sujeitos-maternos. **Educação & Realidade**, v. 1, jan/jun, 2004, p. 199-213.

MUCHAIL, S. T. **Foucault, simplesmente**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PEZ, T. D. P. **Pequena análise sobre o sujeito em Foucault**: a construção de uma ética possível. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/TiarajuDPpez.pdf>>. Acesso em 10 de julho de 2016.

REVEL, J. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RIBEIRO, J. U. **Política**: quem manda, porque manda, como manda. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

O referencial foucaultiano como possibilidade metodológica em estudos em saúde e enfermagem

Maria Itayra Padilha
Mara Ambrosina Vargas
Francielly Zilli
Alexandra Ferreira

Introdução

“A experiência tem duas faces: de um lado, a experiência constituída, aquela que está de algum modo cristalizada nos saberes, nas instituições, nos dispositivos, nas subjetividades, nos territórios e nos espaços; por outro lado, há a experiência transgressora, constituinte e dinâmica, que se faz quando confronta o saber, o poder, a norma de uma época” (LAVAL, 2018, p. 112). “Podemos pensar nessas duas faces da experiência como algo que impulsiona nossas pesquisas. Agora, quando nos questionamos sobre um método para fazer pesquisa, ou seja, sobre os possíveis caminhos a serem percorridos, os caminhos que nos levarão a determinados lugares, nos remetemos [...] a duas possíveis visões, ambas corretas, sobre o uso das palavras *método* e *teoria* transpassadas nas problematizações e descrições feitas por Foucault. Primeiro, em um sentido estrito/*hard* podemos apontar que ‘não há nem método nem teorias fou-

caultianas', porém, se usarmos em um sentido amplo/*soft*, ele aponta que 'há métodos e teorias foucaultianas'" (VEIGA-NETO, 2009, p. 87).

As epígrafes remetem de imediato à indagação: como consubstanciar um pretenso "caminho" investigativo a seguir, na medida em que, muitas vezes, a maior formatação de um capítulo teórico e metodológico anda na contramão da teorização? Uma teorização que não se refere a falar em teoria, se entendermos como tal uma ordenação sistemática, lógica e hierarquicamente encadeada de enunciados, princípios, leis e respectivos processos metodológicos e recursos instrumentais. Nessa perspectiva, o mais importante é examinar e analisar as práticas concretas, em sua "microscopicidade", em sua especificidade, caso a caso, tratando de "descer ao estudo das práticas concretas pelas quais o sujeito é constituído na imanência de um campo de conhecimentos" (FOUCAULT, 2006, p. 237).

Dessa forma, ao pensar as pesquisas na vertente foucaultiana, é necessário compreender que "existem momentos na vida em que a questão de saber se se pode pensar diferente do que se pensa e perceber diferente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e refletir" (FOUCAULT, 1998, p.12). Daí, a decisão de fortalecer-se nas reflexões do próprio filósofo e acreditar que o que move o caminhar nas pesquisas foucaultianas "é a curiosidade", instigada pelos descaminhos da pesquisa (FOUCAULT, 1998, p. 12).

Foucault é rigoroso não no sentido positivista do termo nem pela reprodução de um olhar continuísta sobre a história, mas pela atenção à singularidade dos acontecimentos e às descontinuidades históricas, também, pela sensibilidade

de perceber o caráter estratégico, móvel e por isso mesmo político de uma aplicação metodológica, sem desligar saber e poder, teoria e prática (PRADO FILHO, 2017).

Nessa medida, Foucault amplia o conceito das fontes utilizadas pelos historiadores do século XX, a partir de sua noção de poder-saber. Na perspectiva de análise foucaultiana, as fontes documentais consideram os textos como objetos (ou meios) ou as memórias dos desajustados (ou considerados desajustados pelos sistemas médicos e punitivos), os diários de indivíduos anônimos, os registros criminais, as ordens de prisão, os relatórios médicos, não desprezando a documentação tradicional de sua época, como os tratados políticos e científicos, só que agora examinados como focos onde podem ser percebidas as relações de poder e suas tecnologias que se instauram nos discursos (CARVALHO et al., 2012).

No sentido estrito/*hard*, o percurso metodológico se dá ao caminhar. Um caminhar, como percebe Veiga-Neto (2009), enraizado e atravessado constantemente pela imprevisibilidade em relação ao ponto de partida, ao percurso e ao lugar de chegada. O que significa: “[...] acentua-se a leveza de um estilo de investigação que, mesmo rigorosa, se abre para suas próprias fronteiras na esperança de ultrapassar a si mesma e de conseguir ver nas regiões de indecidibilidade que até então estavam na penumbra” (VEIGA-NETO, 2009, p. 89).

Com efeito, ao considerar o sentido amplo/*soft*, é possível compreender a genealogia e a arqueologia como *métodos foucaultianos*. Foucault, porém, falava que a *A arqueologia do saber* não era um livro metodológico, a genealogia era apontada como “um modo de ver as coisas”, associado a

uma *techné*, “que consiste numa forma muito singular de escutar a história”. Já, no “último Foucault”, o da ética, no qual as questões da subjetividade são abordadas, é possível compreender a questão de método como uma “perspectiva de trabalho” (VEIGA-NETO, 2009).

As ideias de Foucault são bastante convincentes, persuasivas e produtivas, pois criam um marco conceitual novo e poderoso que nos ajuda a compreender problemas vivenciados pelas sociedades contemporâneas ocidentais, permitindo dar outras respostas para antigas perguntas, ou melhor, fazer novas perguntas para encontrar outros significados e produzir novos sentidos. Nesta direção, o referencial teórico-metodológico foucaultiano tem sido adotado por diferentes áreas de conhecimento, tais como a psicologia, a psiquiatria, a criminologia, a sexologia, as ciências políticas, a linguística, as ciências humanas e as ciências da saúde. Neste estudo, o interesse se volta para o reconhecimento das possibilidades metodológicas na perspectiva de Michel Foucault, para o desenvolvimento das pesquisas na área da enfermagem, sem a escravização do método.

Pensando a arqueologia foucaultiana em perspectiva metodológica

O termo “arqueologia” descende do grego *arkhè* (seria o princípio presente em tudo ou a substância da qual deriva tudo o que existe), o qual Foucault burilou de modo

a identificar a defesa pela arqueologia do saber, ou como analisar os arquivos como “existência acumulada de discursos” (Foucault, 2010). Fazendo uso de sua estratégia de desestabilizar os conceitos congelados, ele dará ao arquivo uma existência renovada. O arquivo deve ser compreendido não como um conjunto de documentos, mas sim como lei que organiza o campo do enunciável. O conceito de arquivo pressupõe uma organização que se faz numa temporalidade muito particular (OLIVEIRA, 2008).

O método de análise do processo das ciências do homem e sua teoria do discurso, como se sabe, apresentados por Foucault em seu livro *A arqueologia do saber* (2009). Consiste esse método em tentar compreender as condições históricas e sociais que possibilitaram a irrupção de acontecimentos discursivos (GONÇALVES, 2009).

A arqueologia é o método para desvendar como o homem constrói sua própria existência. Nesta lógica, os sujeitos e objetos não existem *a priori*, são construídos discursivamente sobre o que se fala sobre eles. O corpo, por exemplo, só passou a existir a partir das modificações discursivas da passagem da idade clássica para a modernidade. Com o desenvolvimento da patologia, o corpo passa a ser percebido como um conjunto de órgãos, e a medicina passa a “discursivizá-lo”, ou seja, a formular práticas e efetuar dizeres sobre ele (GIACOMONI; VARGAS, 2010).

Em *A arqueologia do saber*, Foucault apresenta quatro diferenças básicas entre a análise arqueológica e a história das ideias, com o propósito de demarcar as transformações (AZEVEDO; RAMOS, 2003):

1. a arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Não trata o discurso como documento; dirige-se ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Havia um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos rastros inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; que poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia — para a descrição intrínseca do monumento;
2. a arqueologia preocupa-se em definir os discursos em sua especificidade; mostrar em que sentido o jogo das regras que utilizam é irreduzível a qualquer outro;
3. a arqueologia não é ordenada pela figura soberana da obra, não busca compreender o momento em que esta se destacou no horizonte anônimo. Ela define tipos e regras de práticas discursivas que atravessam obras individuais, às vezes as comandam inteiramente e as dominam sem que nada lhes escape;
4. a arqueologia não procura reconstituir o que pode ser pensado, desejado, visado, experimentado, almejado

pelos homens no próprio instante em que proferiram o discurso. Não se propõe a identificar onde o autor e a obra trocam suas identidades; é a descrição sistemática de um discurso-objeto.

Estas relações se estabelecem entre “instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamento, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização” (FOUCAULT, 2009, p. 50), que não tecem a trama do objeto, mas apenas o permitem aparecer, já que não relações internas ao discurso. Elas estão no limiar do discurso, determinando o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de um objeto (FOUCAULT, 2009). São relações em movimento, pois caracterizam o próprio discurso enquanto prática. Em termos de análise, todo e qualquer objeto (de que são exemplos a loucura, a medicina, a gramática, a economia etc.) pressupõe um conjunto de regras que permitem formá-lo como um discurso e que constituem, assim, suas condições de aparecimento histórico (FOUCAULT, 2009).

A riqueza do método arqueológico é a de ser um instrumento capaz de refletir sobre as ciências do homem enquanto saberes — investigando suas condições de existência através da análise do que dizem, como dizem e por que dizem. A arqueologia é um método próprio da análise dos discursos locais orais e escritos, com objetivo de “desassujeitar” os saberes históricos e torná-los livres, capazes de resistência, de oposição, de luta contra os saberes unitários, formais, científicos (COSTA et al., 2008).

A genealogia foucaultiana em perspectiva metodológica

O método genealógico é definido como a análise do “porquê dos saberes”, que pretende explicar sua existência e suas transformações, situando-o como peça de relações de poder ou incluindo-o em um dispositivo político (VEIGANETO, 2004).

A genealogia deve ser entendida centralmente como método de análise de práticas microfísicas, de relações moleculares e de produção de corpos concretos, proposto como instrumento para o esboço de uma história do presente, que possibilita, em última instância, uma crítica e a transformação do nosso mundo e daquilo que somos. Resta enfatizar que a questão metodológica é da maior importância nos estudos de Foucault, tendo em conta a diversidade de textos nos quais ele se dedica ao tema e a própria diversidade das suas propostas metodológicas. Por isso, o esforço no sentido de recolher elementos metodológicos em seus escritos justifica-se pela crescente demanda observável hoje em torno de pesquisas e estudos genealógicos, tanto dentro quanto fora da academia (PRADO FILHO, 2017).

A genealogia surge como teoria e método para a análise dos discursos. Ela não aparece isoladamente. Compreende-se que os discursos são formas conjuntas de enunciados que se apoiam em uma mesma forma discursiva. Nesse sentido, é possível investigar, por meio da genealogia, os diferentes enunciados que formam determinados discursos pedagógicos, como, por exemplo, discursos sobre a prática docente, discursos sobre a formação de professores,

discursos sobre a diferença, discursos sobre as relações de poder, discursos sobre a diversidade, discursos sobre a avaliação, discursos sobre a sexualidade, sobre a infância, entre tantos outros (MORUZZI, 2011).

A genealogia do poder de Foucault não é tão delineada nem compõe um corpo coeso, unitário e uniforme de estudos que garantam evidência ao método — ela apresenta desníveis que implicam certa diversidade de problematizações, razão pela qual busca-se reunir, no contexto de seus estudos, elementos relativamente dispersos em alguns de seus trabalhos, a fim de resgatar aquilo que poderia ser considerado como uma proposta de método (PRADO FILHO, 2017).

Cumpramos agora reforçar alguns aspectos importantes a serem considerados numa análise genealógica, de acordo com Prado Filho (2017, p. 324):

- a) a análise genealógica é histórica: uma possibilidade, uma perspectiva, uma formulação estratégica para olhar, estudar, escrever e agir em relação aos acontecimentos históricos — um modo crítico e político de se escrever e produzir história;
- b) a história genealógica é crítica dos nossos modos de vida e de ser, é descontínua, alheia a periodizações, teleologias e sentidos históricos, e atenta às rupturas e acontecimentos, portanto, descentrada de “marcos” e de sujeitos geniais;
- c) o poder que é objeto de uma análise genealógica não é poder do Estado, das leis, das instituições; poder burocrático, formal, legalista, hierarquizado; tampouco trata-se de política partidarizada: a macropolítica.

Trata-se de uma microfísica, teia de relações; biopoderes: disciplinas, biopolíticas; práticas de normalização, de objetivação, de subjetivação; também de dispositivos, no sentido do seu enfrentamento e da sua desmontagem;

d) o jogo da norma ocupa um lugar central na economia de poder moderna e, portanto, em qualquer análise genealógica. Por se sustentar em saberes científicos a norma encontra-se naturalizada em nossa cultura como critério legítimo de julgamento de características de um indivíduo ou de comparação entre sujeitos, exercendo ações discretas de marcação, nomeação, patologização, exclusão, quando não de “correção” ou “ortopedia” de desvios. A norma opera como prática de normalização e regulação de condutas individuais e coletivas, sendo uma das ações básicas de um dispositivo de poder;

e) o corpo e o dispositivo são elementos centrais numa análise genealógica: o corpo como objeto, como produto e o dispositivo como modo de operação, de produção de verdades, de realidades, de sentidos, mas também de objetos, de corpos individuais e coletivos, de subjetividades e modos de vida concretos. Os dispositivos são também elementos fundamentais da política contemporânea, justamente pelos efeitos normalizadores, objetivantes e subjetivantes de suas ações, que acabam mobilizando resistências e enfrentamentos;

f) na análise genealógica sobre a produção de corpos e subjetividades não se pode desligar práticas de objeti-

vação e de subjetivação, ao contrário, na produção de sujeitos concretos trata-se sempre de jogos de objetivação e de subjetivação;

g) as análises genealógicas de Foucault apresentam desníveis de tratamento em problematizações diversas além de abrir-se para análises cartográficas, justamente pela questão do enfrentamento aos dispositivos. Elas se abrem ainda para a formulação de uma genealogia da ética à medida que deslocam o olhar da análise das práticas de objetivação dos sujeitos para práticas e modos de subjetivação; por tudo isso, deve-se reafirmar o caráter móvel, flexível, estratégico e político do “método”, da aplicação genealógica.

Apesar dos deslocamentos metodológicos, a genealogia não deve ser entendida nem aplicada sem conexão com os outros métodos propostos por Foucault. Não se trata de afirmar que no deslocamento da arqueologia do saber à genealogia do poder as problematizações arqueológicas foram abandonadas e substituídas por preocupações e procedimentos genealógicos, como não se trata também de pensar que na passagem da genealogia do poder à genealogia da ética a questão do poder e da objetivação dos corpos saia de cena e simplesmente dê lugar a análises de práticas de subjetivação e de relações dos sujeitos consigo mesmos. Mais que substituição trata-se de incorporação de um método por outro: assim como uma genealogia de relações de poder contempla uma dimensão de análise arqueológica de discursos e enunciados, uma genealogia de relações éticas, ou das práticas e trabalhos do sujeito em relação a si mesmo, coloca em correlação análises de jogos

de objetivação e de subjetivação no sentido de compreender como um sujeito — histórico — se torna aquilo que ele é (MORUZZI, 2011).

Por essas breves composições do pensamento de Foucault sobre a genealogia, podemos compreender que tanto a arqueologia quanto a genealogia são instrumentos pelos quais se efetivam as análises discursivas. Compreende-se aqui que o sujeito é constituído pelas práticas, onde se estabelecem inúmeras relações de poder, de saber e que são proferidas, também, pelas e nas práticas discursivas. A perspectiva genealógica é, portanto, uma forma de entender os discursos que são considerados verdadeiros, bem como entender por que são assim considerados. Trata-se de uma investigação que mapeia os discursos, situa-os e, ao mesmo tempo, analisa as relações de poder em determinada sociedade que faz com que certos discursos prevaleçam e outros sejam apaziguados (MORUZZI, 2011).

Formas de problematização e de intervenção crítica nas investigações científicas

A noção de problematização de Foucault pode ser útil e abrangente nas pesquisas em enfermagem e ciências da saúde. Logo, discorreremos, num primeiro momento, acerca das formas de problematização e de intervenção crítica. Em seguida, efetuamos um exercício analítico, exemplificando como operacionalizamos a análise do discurso nessa perspectiva.

Segundo Foucault, as mudanças das quais deriva uma problematização podem resultar de diferentes fontes — por exemplo, processos sociais, econômicos ou políticos. Consequentemente, um estudo de formas de problematização não deve pretender esclarecer um evento histórico específico. Em vez disso, fontes podem ser estudadas para elucidar como uma determinada área passou a ser objeto de problematização, como o assunto foi problematizado e que conhecimento surgiu através dessas problematizações. Assim, as fontes podem contribuir para responder à pergunta sobre o que foi possível pensar e fazer durante um certo período.

Foucault sugeriu que os pesquisadores em seus estudos empíricos tomem seu ponto de partida em diferentes tipos de resistência ao poder. Ele também incentivou os pesquisadores a redescobrir as conexões, os encontros, os apoios, os bloqueios, o jogo de forças, as estratégias e assim por diante, que em um dado momento estabelecem o que subsequentemente é considerado autoevidente, universal e necessário. Achamos essas sugestões frutíferas, pois permitem ao pesquisador fazer perguntas ao que ocorre como evidente no sistema de saúde, na clínica e na educação do enfermeiro. Assim, o pesquisador pode analisar os múltiplos processos que constituem uma área de problematização. Logo, estudos baseados em formas de problematização permitem que os pesquisadores adaptem o método ao evento sob investigação e utilizem uma ampla gama de fontes sem considerar o discurso como constituindo realidade e sem considerar os indivíduos como sendo governados pelos discursos. Assim, formas de problematização podem servir como uma abordagem útil

na enfermagem para identificar novas áreas de investigação e possibilitar uma nova luz sobre aspectos importantes nessas áreas (FREDERIKSEN, 2015).

A experiência atravessa os direcionamentos das pesquisas foucaultianas porque é nela, no campo da experiência, que compreendemos as condições históricas. É neste campo que estão dados os “saberes, os dispositivos e as instituições”, e, assim, é a partir dessas experiências que compreendemos o que é pensável e possível de problematizar em um dado momento histórico (LAVAL, 2018). E mais, para a problematização deve haver uma disposição de operar com limites e dúvidas, com conflitos e divergências, e de resistir tentação de formular sínteses conclusivas; de admitir a provisoriedade do saber e a coexistência de diversas verdades que operam e se articulam em campos de poder/saber; de aceitar que as verdades com as quais operamos são construídas, social e culturalmente (MEYER, SOARES, 2005, p. 40).

Mas a própria análise do discurso produz discurso, isto é, vem na forma de declarações no sentido foucaultiano. Ao gerar instruções, análises de discurso intervêm no campo da disponibilidade do conhecimento e nas relações de poder a ele associadas. Podemos assim descrever a análise do discurso como uma formação discursiva na qual as estruturas de capacidade de dizer instigam a linguagem da intervenção crítica com uma probabilidade muito maior do que numa análise mais tradicional. E o analista do discurso deve ter potencial crítico de inspeção do discurso, precisamente porque a crítica existe independentemente da análise do discurso. Enfim, pode-se pensar na análise do

discurso como uma intervenção nas relações do conhecível, ou seja, as relações através das quais os elementos estão relacionados entre si como elementos “conhecidos” ou “reconhecidos” cuja relação específica faz sentido. Logo, a análise do discurso já faz parte de um processo social e político, historicamente contextualizado, mas sem estar conectado ao ideal de uma sociedade que poderia se tornar cada vez mais razoável. Em vez disso, o objetivo de Foucault consiste em examinar as racionalidades e seu envolvimento com as relações de poder (NONHOFF, 2017).

A seguir, são apresentados três aspectos que nos permitem examinar a especificidade da análise do discurso como crítica.

a) Intervenção no assunto. A crítica deve estar conectada ao modo pelo qual as análises do discurso examinam seus assuntos, isto é, pela metodologia analítica do discurso no sentido mais amplo. Obviamente, os métodos concretos de análise de discurso variam muito, mas existem dois padrões que orientam a análise do discurso como um todo. Nesse contexto, “guia” deve ser entendido em concordância com o que foi dito anteriormente sobre a análise do discurso como uma formação discursiva: as análises de discurso não abordam seu assunto de forma arbitrária, mas se concentram na geração de conhecimento e significado social por meio de uso da linguagem escrita.

b) Intervenção nas relações de sujeito e na autor-relação. Dizer, aqui, que a análise do discurso inter-

vém nas relações de sujeito, não significa assumir que ela poderia visar a mudar as relações de sujeito nos discursos, como, por exemplo, confrontando aqueles que participam de uma relação de poder com os resultados da análise, esperançosamente para conscientizá-los da necessidade de mudança. Nessa perspectiva, significa, sim, considerar a intervenção reflexiva nas relações de sujeito, ou seja, uma intervenção que veja como relevante o papel do analista de discurso no processo de análise. Mais uma vez, cumpre considerar a análise do discurso como uma formação discursiva já permeada pelo poder. Primeiro, como já foi mencionado anteriormente, esses tipos de análise de discurso que combinam crítica com a ideal de iluminação necessariamente estabelecerão uma relação de poder entre aqueles que esclarecem (os analistas do discurso), aqueles sobre em quem haverá iluminação (os participantes do discurso) e aqueles que deverão ser esclarecidos (os leitores).

c) Intervenção por provocação no contexto profissional de academia. A provocação da análise do discurso compreende três formas: a que concerne à relação entre academia e política, a que é atrativa para jovens estudiosos e a que se refere à metodologia. A **primeira** forma nos faz reforçar que toda pesquisa já é ideologicamente comprometida, e assim nunca será imparcial, desde a seleção do tema até a dos recursos que possam apoiar uma interpretação em detrimento de outra. E, ainda que a análise do discurso não seja

criticada por outra(s) predisposição(ões) política(s), a crítica poderia suscitar suspeita quanto aos resultados significativos desse tipo de pesquisa. Pelo contrário, apenas detectaria fenômenos denunciados há muito tempo e com o que a maioria das pessoas concordaria. A **segunda** forma de provocação reside também no fato de que a análise do discurso constitui uma heterodoxia de sucesso nas ciências humanas e nas ciências sociais, porque aumenta o número de conferências e o de jovens estudiosos que desejam aprender e realizar análises do discurso. Muitos estudantes e jovens estudiosos se tornam sujeitos da formação da análise do discurso porque isso lhes oferece a posição de sujeitos de uma crítica e estudiosos professamente intervencionistas, o que saiu de moda em outras áreas da academia de hoje. **Terceiro**, a análise do discurso é provocativa no nível de métodos. Essa percepção é resultado de olhar, outra vez, para a metodologia de estudos da análise do discurso como uma formação discursiva. Dentro desta formação, percebemos uma enorme heterogeneidade, talvez até uma disparidade de como a análise do discurso é posta em prática.

Quanto a analisar macro e micro discursos, discursos escritos e orais, de grande mídia e textos únicos, em algumas etapas estamos interessados no exame minucioso de textos; em outras, combinaremos esse exame minucioso com o exame das relações de poder social e político.

Nos anos 1990, analistas de discurso eram desafiados a padronizar suas perguntas de pesquisa e suas metodologias

para obter melhor acessibilidade para estudantes e professores. O núcleo da crítica é ao argumento de que a análise do discurso não explica como eles coletam suas ideias, que não trabalhariam com uma metodologia clara, que eles sempre encontrariam o que lhes parece e que, devido à grande variedade de abordagens, esse procedimento seria geral, porque permanece incerto o que é o rótulo “análise do discurso”. Um aspecto crucial da análise do discurso como crítica reside no fato de que essa formação discursiva é bem-sucedida em provocar reações (NONHOFF, 2017).

É interessante observar que mesmo a analítica do discurso — balizada em um referencial foucaultiano — não prescinde de organização e sistematicidade, recorrendo aos polos cronológicos de pré-análise, à exploração do material e ao tratamento crítico dos achados. Portanto, nesse ponto, não difere das demais investigações operadas a partir de outros referenciais teóricos com seus possíveis e respectivos métodos de análise. Então, o que muda em um referencial de análise foucaultiana? Nessa perspectiva de análise, qual é o “melhor” modo de falar daquilo que se fala?

A seguir, apresentaremos uma possibilidade de análise de discurso na perspectiva foucaultiana. Mas, convém esclarecer: esse exercício analítico é uma possibilidade entre outras, pois se outro sujeito investigador fizesse esse trabalho operativo, inclusive com o mesmo referencial teórico, certamente poderia oferecer outros caminhos de análise, outros agrupamentos. Desde já estamos cientes do não “esgotamento” temático. Enfim, uma análise nessa perspectiva metodológica deveria assumir a feição mais de um laboratório vivo do que um balanço rígido e totalizante.

Exercício analítico: automedicação – na “corda bamba” entre o discurso midiático, o farmacêutico industrial e o médico

Este exercício analítico é feito a partir da utilização de um vídeo publicitário, que ilustra um dos possíveis modos de problematização. Ressaltamos que, indiferente ao material empírico utilizado — entrevistas, fotos, notícias de jornais, documentos — tudo retrata os discursos de uma época, mostra os atravessamentos de verdades que constituem os sujeitos, ou seja, na relação entre o pensar e o fazer, entre o poder e o saber, a mídia passa a ser considerada como um dispositivo pedagógico (CORDEIRO; KRUSE, 2015).

Por automedicação compreende-se o uso de fármacos sem a devida prescrição médica, por iniciativa do próprio paciente, por vezes aconselhado por pessoas que não são profissionais da saúde, como familiares, amigos e atendentes de farmácia (OLIVEIRA et al., 2016). Alguns fatores influenciam no crescimento da automedicação, como a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, principalmente os públicos, a demora e baixa qualidade do atendimento nestes serviços, juntamente à veiculação de propagandas de medicamentos isentos de prescrição na mídia, os remédios muito presentes nos domicílios, a cultura da medicalização e a variedade de medicamentos dispostos nos mercados.

Pode-se classificar a automedicação em três tipos: cultural, orientada e induzida. No primeiro tipo, entende-se que o sujeito faz uso dos medicamentos a partir do conhecimento preestabelecido e aprendido ao longo dos anos, sen-

do este passado de geração em geração. A automedicação orientada relaciona-se ao conhecimento prévio já adquirido pelo sujeito que faz o uso e a automedicação induzida é estabelecida pela influência de publicidades, campanhas e comerciais (NEBEKER; BARACH; SAMORE, 2004). O alto valor agregado ao mercado farmacêutico relaciona-se, também, com o aumento das mídias e publicidades que estimulam o consumo de fármacos e a prática da automedicação.

Como material de análise, utilizou-se a publicidade de uma empresa química e farmacêutica — a Bayer —, que divulga um de seus produtos, Gino-Canesten, nome comercial estabelecido para o clotrimazol. Neste caso, o vídeo do comercial é veiculado nacionalmente em rede aberta de televisão, bem como online, nas propagandas que antecedem aos vídeos do YouTube. O vídeo pode ser visualizado no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=I-82juhtkSVw>. A ideia é problematizar, promover estratégias de estranhamento e visibilizar um modo de conduzir-se, considerando-se a influência da mídia nos modos de constituição dos sujeitos.

No vídeo, o texto encenado pela atriz Mônica Martelli é o seguinte: “Você sabe que eu não tenho vergonha de falar nada, né? Por isso eu tô aqui. Pra falar de um assunto que ninguém deveria ter vergonha: candidíase. Que dá aquela coceirinha, corrimento, sabe? Situação chata que atinge três em cada quatro mulheres. Mas Gino-Canesten resolve de forma simples em uma só aplicação. Não dá nem tempo de sentir vergonha. Gino-Canesten é o comprimido vaginal que resolve a candidíase em uma só aplicação! Gino-Canesten! Agora este cuidado íntimo está em suas

mãos. Se é Bayer, é bom”. Destaca-se, também, o cenário utilizado na publicidade. Monica encontra-se sentada em uma sala ampla, organizada, com bastante iluminação, a decoração em tons de rosa e vermelho. Ela segura a caixinha do medicamento no momento que fala “Mas Gino-Canesten resolve de forma simples em uma só aplicação”. A seguir, a imagem apresentada é de um corpo feminino desenhado, demonstrado como o comprimido deve ser inserido na vagina. Enquanto esta cena se dá, a seguinte fala é entoada: “Gino-Canesten é o comprimido vaginal que resolve a candidíase em uma só aplicação!”. Por fim, aparece a logomarca da empresa, seguida da tradicional tela informativa azul, que surge com a mesma velocidade alta em que é retirada, trazendo as seguintes informações, sem ser pronunciada em voz alta: “Gino-Canesten é um medicamento. Seu uso pode trazer riscos. Procure o médico e o farmacêutico. Leia a bula. Se persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado”.

Inicialmente, analisa-se a escolha da atriz Mônica Martelli para o comercial. Trata-se de uma figura conhecida em rede nacional por papéis cômicos, com personagens que geralmente falam bastante. A escolha de uma atriz com perfil descontraído para falar de uma “situação chata”, como o próprio comercial ressalta, evidencia a intenção de transformar um tema, por muitos considerado “vergonhoso”, em um tema do cotidiano, que deve ser abordado como algo leve e simples. A atriz deixa clara esta intenção ao iniciar assim sua fala: “Você sabe que eu não tenho vergonha de nada, né? Por isso eu tô aqui. Pra falar de um assunto que ninguém deveria ter vergonha: candidíase”, demonstrando

que o assunto é pouco abordado no universo feminino por questões de constrangimento e de extremo pudor. Ainda hoje, assuntos como menstruação e corrimento vaginal são abordados de forma tímida pelas mulheres, como se fosse um conteúdo impróprio para ser dialogado, também, porque considerado indecente.

A construção histórica determina o discurso de “verdade” em relação ao sexo e gênero, estando essa construção a serviço da constituição das relações de saber e poder sobre os corpos, comportamentos, modos de pensar e de dizer, e estes, por sua vez, regulados pelas ferramentas de controle entre o que é considerado normal e anormal, certo e errado, verdade e mentira (FOUCAULT, 2014). Mônica encerra a primeira fala levantando a bandeira de que “ninguém deveria ter vergonha”. Assim como em outros estudos que utilizaram a análise de discurso de materiais como reportagem de revistas (CORDEIRO, KRUSE, 2015), vídeos educativos para as ciências da saúde (SÁ, SIQUEIRA, 2011) e vídeos religiosos (MESQUITA, PERUCCHI, 2016), observou-se a presença de um personagem-chave para legitimar certas verdades — aqui, a atriz Mônica Martelli —, pois essa característica fortalece a enunciação como verdadeira e de fácil convencimento.

Na medida em que Mônica diz “Que dá aquela coceirinha, corrimento, sabe?”, ela explicita dois sinais da presença de candidíase, induzindo a mulher que assiste à propaganda a fazer seu próprio diagnóstico, sem a necessidade de realizar consulta com um profissional da saúde. Ao enunciar dois dos sinais da candidíase e fornecer, na sequência, um medicamento como tratamento, a publicidade estimula

a prática da automedicação, o que poderia resultar, neste caso, em agravamento e mascaramento de outro problema de saúde (CARVALHO; TREVISOL; MENEGALI, 2008).

Na sequência, é apresentada a seguinte fala: “Situação chata que atinge três em cada quatro mulheres”. Esta informação dá um caráter epidemiológico e científico à publicidade, demonstrando que há estudos evidenciando a incidência de candidíase entre as mulheres, o que pode se refletir positivamente entre os consumidores. Além disso, o alto índice relatado na propaganda faz com que a mulher (espectadora) se sinta como a grande quantidade de mulheres reais, tratando a candidíase de forma banal e de fácil resolução, o que não é uma verdade absoluta, sendo necessária a avaliação de cada situação em particular.

Embora a frase analisada apresente um caráter epidemiológico e científico, ao considerar a análise foucaultiana, não buscamos a fonte do discurso, porque interesse é o visível do discurso, a materialidade que o constitui e a manifestação de sua existência, o que faz proliferar as verdades e as relações que são constituídas a partir desses discursos (MIRANDA, 2016).

A fala “Mas Gino-Canesten resolve de forma simples em uma só aplicação. Não dá nem tempo de sentir vergonha” alude à necessidade das resoluções instantâneas apresentadas pela sociedade atual, onde tudo se faz de maneira rápida e corriqueira, constantemente correndo-se contra o tempo. E ainda: remete à eficácia do medicamento em apenas uma aplicação, a candidíase, enquanto os cremes de tratamento vaginal levam cerca de sete dias para que obtenha o efeito desejado. Ademais, o destaque dado neste momento à caixa

do fármaco faz a espectadora focar nas características visuais da embalagem para reconhecê-la posteriormente e facilitar a memorização do nome do produto, o qual é repetido três vezes no intervalo de trinta segundos.

Contemporaneamente somos constituídos enquanto sujeitos pelos atravessamentos midiáticos, os quais se globalizaram e tornaram-se dispositivos pedagógicos. Os discursos disseminados nos aparatos de mídia são carregados de sentidos, de uma intencionalidade que fortalece as relações de poder (CORDEIRO, KRUSE, 2015) — aqui ressaltando não só o governo de si, mas reforçando ainda mais os discursos do sujeito como empreendedor de si mesmo, capaz de se cuidar de forma eficiente e veloz.

A apresentação de uma imagem simulando a forma de administração do comprimido contribuiu para a prática de automedicação, onde, além de indicar com que fármaco a espectadora resolve os sinais citados, ensina a forma correta de utilizá-lo. Por se tratar de um comprimido, a imagem também se faz necessária para que não se confunda a via de administração, uma vez que poderia ser consumido via oral por engano.

Ao considerar as imagens como discursividades, temos como disparador a compreensão de que a análise de discurso não é estática; mais do que a existência de discursos, o que se tem são diferentes formações discursivas — o que inclui as imagens produzidas — construídas historicamente e carregadas de sentidos (MIRANDA, 2016).

Mônica Martelli conclui sua fala com “agora este cuidado íntimo está em suas mãos”, novamente fazendo alusão ao governo de si e à capacidade de fazer suas próprias

escolhas, demonstrando poder sobre o próprio corpo. Neste referente, já não deve importar disciplinar o corpo individual, docilizar cada comportamento. Ao contrário, advém o governo dos corpos como espécie, governo da população, na qual os sintomas são observados como fatos naturais e o foco é antecipar riscos, criar intervenções preventivas na população-alvo, se esta já estiver devidamente informada, o que configura uma lógica neoliberal que se volta para a liberdade de iniciativa dos indivíduos (CAPONI, 2019).

Ora, isso não significa compreender que a disciplina, vista como método e tecnologia do biopoder desaparece nesse momento para dar lugar a outra modalidade de poder: a biopolítica. Na realidade, a biopolítica só é possível a partir do biopoder. As práticas médicas se dão em nome de uma proteção e de uma defesa da sociedade, e nesta, o que é produzido em seu interior, tende a representar a intersecção entre biopoder e biopolítica (MORUZZI, 2017). Neste sentido, Foucault (2014) reitera que a todo instante buscamos corresponder às expectativas sociais, necessitando, assim, entrar na ordem do discurso. Reforçando a lógica neoliberal de busca do melhor, da tomada de decisão e de gestão dos acontecimentos, os discursos que aqui atravessam e constituem os sujeitos, como aqueles que governam suas vidas, transpassam pela mídia, pelos sistemas políticos e médicos (CORDEIRO, KRUSE, 2015).

“Se é Bayer, é bom”, como conclui a propaganda, é o modo de fixar no público-alvo a empresa que possibilitou a fabricação do medicamento, reforçando a marca atrelada ao adjetivo “bom”, sendo um slogan de fácil memorização. Por fim, o cenário utilizado com cores em tons rosa e

vermelho afirma a destinação do público-alvo por vezes relacionado com tais cores. Note-se ainda que a última imagem, em azul, é apresentada muito rapidamente, sem áudio, utilizando apenas a forma escrita de linguagem, o que dificulta a memorização e contribui para mistificar a atenção do consumidor.

Considerações finais

A análise do discurso na perspectiva foucaultiana evidencia uma maneira de tratar o material empírico a ser analisado de forma que problematiza um necessário volume de dados. Isto é, a quantidade de material não é o mais importante. O que se deve priorizar é o o trabalho operativo de descrever os discursos a partir de seus menores enunciados, recolhidos em sua realidade dispersa, captando nesses lugares as diferentes práticas a que um determinado discurso se associa. Desse modo, tal como Foucault, não se trata de explicar textos, mas de inscrevê-los no interior de uma visão de conjunto sempre em movimento.

Analisar o uso do referencial foucaultiano do ponto de vista metodológico é um exercício de ousadia em virtude da dificuldade de lidar com um autor que nunca quis ser modelo, que nunca quis ser fundador de uma discursividade, que recusou as noções convencionais de autor, obra e comentário.

O referencial foucaultiano aponta um novo olhar para os diversos campos de atuação da enfermagem, seja no âmbito institucional, das políticas públicas, do cuidado, das

questões de gênero, em termos de formação profissional, na tentativa de entender que estratégias, lutas, saberes e práticas têm influenciado a construção dos sujeitos e o delineamento de técnicas que possibilitam a ampliação dos espaços de autonomia do cliente e da enfermagem.

Com efeito, os estudos foucaultianos abrem uma perspectiva de análise proveitosa sobre as práticas assistenciais desenvolvidas atualmente pelos profissionais da saúde, na medida em que sua base teórica permite compreender como determinadas verdades são instituídas e apreciar as relações de poder operantes nos serviços e ações de saúde institucionalizadas. Assim, ele incita a estranhar o que se apresenta como natural para buscar, no cotidiano, elementos que permitam construir um inventário capaz de captar o recorte, por vezes inusitado, da realidade histórica.

Referências

AZEVEDO, Rosemeiry Capriata de Souza; RAMOS, Flavia Regina Souza. Arqueologia e genealogia como opções metodológicas de pesquisa na enfermagem. **Rev. Bras. enferm**, Brasília, v. 56, n. 3, p. 288-291, mai/jun. 2003.

CAPONI, Sandra. **Uma sala tranquila. Neurolépticos para uma biopolítica da indiferença**. São Paulo: Editora LiberArs, 2019.

CARVALHO, Juliana Bonetti; MAIA, Ana Rosete;
SANTOS, Evanguelia Kotzias Atherino; BORENSTEIN,

Miriam Susskind; ESPINDOLA, Daniela Simoni. Foucault como caminho de compreensão para a pesquisa histórica de Enfermagem. **História da Enfermagem – Revista Eletrônica (HERE)**, v. 2, p. 160-71, 2012.

CARVALHO, Diélly Cunha Carvalho; TREVISOL, Fabiana Schuelter; MENEGALI, Bruno Thizon. Drugutilization children aged zero to six enrolled in daycare centers of Tubarão. **Revista Paulista de Pediatria**, Santa Catarina, v. 5, n. 26, p. 238-44, set. 2008.

CORDEIRO, Franciele Roberta; KRUSE Maria Henriqueta Luce. Production of an end-of-life curriculum vitae through the pedagogical apparatus of the media. **Interface**, Botucatu, v. 19, n. 55, p. 1193-1205, ago. 2015.

COSTA, Roberta; SOUZA, Sabrina da Silva; RAMOS, Flávia Regina de Souza Ramos; PADILHA, Maria Itayra. Foucault e sua utilização como referencial na produção científica em enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 629-37, out/dez. 2008.

FOUCAULT, Michel. **Aulas sobre a vontade de saber**: curso no collège de France. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. Resposta a uma questão. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos VI. Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si; A ética do cidadão de Si como prática da liberdade; Foucault; O retorno da moral; Uma estética da existência. In: FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREDERIKSEN, K.; LOMBORG, K.; BEEDHOLM, K. Foucault's notion of problematization: a methodological discussion of the application of Foucault's laterwork to nursing research. **Nurs Inq**. 2015 Sep;22(3): 202-9. doi: 10.1111/nin.12094. Epub 2015 Feb 25. <https://doi-org.ez46.periodicos.capes.gov.br/10.1111/nin.12094>

GIACOMONI, Marcello Paniz; VARGAS, Anderson Zalewsky. Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva. Veredas on line — Análise do Discurso — 2, p. 119-129, 2010.

Gino-Canesten Comprimido Vaginal — Farma Delivery. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I82juhtkSVw>.

GONÇALVES, Sérgio Campos. O método arqueológico de análise discursiva: o percurso metodológico de Michel Foucault. **História e-História**. Campinas/SP: NEE-UNICAMP, v. 1, n. 4, p. 1-21, fev. 2009.

LAVAL Christian. Foucault e a experiência utópica. In: Foucault, Michel. **O enigma da revolta: Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana**. N-1 edições, 2018.

MESQUITA Daniel Trindade; PERUCCHI Discursos religiosos sobre homossexualidade. 114, jan./abr. 2016. Juliana. Não apenas em nome de Deus: **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 105-114, jan./abr. 2016.

MEYER, D. E. E.; SOARES, R.F. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com — e a partir de — um filme. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. E. **Caminhos investigativos III**. Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 23-44.

MIRANDA, Sergio Gomes. A análise arqueológica do discurso em Michel Foucault: por uma lingüística do enunciado. **Griot: Revista de Filosofia**. v. 14, n. 2, dez. 2016.

MORUZZI, Andréa Braga. A infância como dispositivo: uma abordagem foucaultiana para pensar a educação. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 22, n. 2, p. 279-299, maio/ago. 2017.

MORUZZI, Andréa Braga; ABRAMOWICZ, Anete. Pressupostos teórico-metodológicos da genealogia: composições para um debate na educação. **Filosofia e Educação (Online)**, Revista Digital do Paideia v. 2, n. 2, Out./mar. 2011.

NEBEKER, Jonathan; BARACH, Paul; SAMORE, Matthew. Clarifying adverse drugevents: A clinician's guide to

terminology, documentation, and reporting. **Ann Intern Med**, v. 140, p. 795-801, 2004.

NONHOFF Martin. Discourse analysis as critique.
Palgrave communications. v. 3, n. 17074, p. 01-11, jun.
2017. OLIVEIRA, Maria Josiane Almeida de.; et al.
Automedicação e prescrição farmacêutica: o conhecimento
do perfil de utilização de medicamentos pela população
geriátrica. In: **Mostra Científica da Farmácia**, 10, 2016.
Quixadá. Anais... Quixadá: Centro Universitário Católica
de Quixadá, 2016.

OLIVEIRA, Cristiane. A vertigem da descontinuidade:
sobre os usos da história na arqueologia de Michel
Foucault. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio
de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 169-181, jan.-mar. 2008.

PRADO FILHO, Kleber. A genealogia como método
histórico de análise de práticas e relações de poder. **Revista
de Ciências HUMANAS**, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 311-
327, jul-dez 2017. SA, Marcia Bastos de; SIQUEIRA, Vera
Helena Ferraz. Análise foucaultiana de vídeos educativos
para as Ciências da Saúde: ensaiando uma metodologia.
Interface. v. 15, n. 37, p. 601-12, abr/jun. 2011.

VEIGA-NETO Alfredo. **Foucault & a educação**. Belo
Horizonte (MG): Autêntica; 2004.

VEIGA-NETO Alfredo. Teoria e método em Michel
Foucault (im)possibilidades. **Cadernos de Educação. FaE/
PPGE/UFPel**. Pelotas v. 33, p. 83-94, set/dez, 2009.

O pesquisador e a pesquisa foucaultiana: uma proposição do modo de pensar a investigação em enfermagem

Cristina Nunes Vitor de Araújo
Flávia Regina Souza Ramos
Álvaro Pereira
Graziele de Lima Dalmolin
Francielly Zilli
Ana Carla Petersen de Oliveira Santos

Introdução: um pesquisador e uma pesquisa a serem compreendidos

O cético é ao mesmo tempo um observador, fora do aquário de que se distancia, e um dos peixinhos vermelhos. Desdobramento que nada tem de trágico. Na circunstância, o observador que é o herói deste livro chamava-se Michel Foucault, essa personagem magra, elegante e incisiva que nada nem ninguém fazia recuar e cuja esgrima intelectual manejava a escrita como se fosse um sabre. É por isso que eu poderia ter intitulado o livro que vai ler *O Samurai e o peixinho vermelho*. (VEYNE, 2008, p. 10, grifos do autor).

É com esta citação da biografia de Michel Foucault escrita por Paul Veyne, que iniciamos este capítulo. Veyne utiliza as metáforas de um peixinho observador, dentro e

fora de um aquário, e de um samurai que não recua e que possui a habilidade intelectual de escrever da mesma forma como se maneja uma arma, mas não qualquer uma, mas um sabre (no inglês americano, o “saber”). Estas comparações nos apontam para duas características de Foucault que refletem bem a sua trajetória como pesquisador.

O peixe nos remete a um expectador participante que observa os outros peixes de um aquário “falsamente transparente” que representa as épocas históricas fechadas em discursos, pronunciados por autores em um determinado tempo. (VEYNE, 2008, p. 17). O samurai personifica a destreza e a inteligência do filósofo na utilização das palavras.

Com estas breves comparações percebemos que Foucault e sua pesquisa se entrelaçam num jogo obsessivo de descobertas e desconfiças de tudo e de todos, por entender que verdade e discurso não possuem álibi. Um cético, dizia Veyne, que ainda recusa os rótulos de filósofo, historiador e qualquer outro que tentaram atribuir a ele. Percebe-se também que a maior característica da pesquisa foucaultiana é “trabalhar a verdade no tempo”. (VEYNE, 2008, p. 18).

Para iniciarmos a discussão a que se propõe este capítulo, nos sentimos no dever de advertir que não se trata de uma outra biografia de Foucault, nem de realizar estudos desta natureza sobre a sua bibliografia, nem um ensaio metodológico ou teórico, mas de uma tentativa de caracterizar em poucas linhas, o pesquisador Michel Foucault e pesquisa de inspiração foucaultiana para, com isso, compreender a empreitada de trajetória de Foucault,

principalmente no campo da enfermagem, quando as exigências protocolares podem nos levar ao risco de perder o melhor do estilo de pensar e problematizar, em usos limitados de citações e conceitos. Subsidiá-nos o capítulo algumas pistas bibliográficas deixadas por ele e por alguns dos seus estudiosos sobre o tratamento dos objetos e instrumentos de pesquisa.

Nós entendemos, a partir da experiência como docentes e discentes que utilizam as ferramentas e subsídios teóricos de Foucault, que há um movimento necessário a todo pesquisador que deseja empreender um estudo de inspiração foucaultiana. Iniciar um prévio mergulho biográfico nos ajuda a perceber o contínuo vida-obra na trajetória de Foucault e os seus entrelaçamentos do filósofo com o militante, com o historiador, com o jornalista, com o paciente psiquiátrico, com o professor, com o psicólogo, com as questões que fazem referência à sua própria sexualidade, com a profundidade de seus trabalhos e do conhecimento sobre os clássicos da filosofia e sua forma estratégica de expor ideias em cursos, livros e entrevistas.

Diversos rótulos foram atribuídos à Foucault ao longo da sua trajetória, sendo todos refutados por ele mesmo, assim como apontado por Bourdieu (2013) no texto “Um pensador livre: não me pergunte quem eu sou”, onde ao apresentar traços históricos que caracterizam não só Michel Foucault, mas os lugares de fala que o mesmo (des) ocupou e assim se constituiu, faz um esboço da história intelectual relacionada ao pensamento foucaultiano e das fontes que alimentaram as reflexões do Filósofo, demonstrando total proteção e evitando uma possível redução a partir do uso de etiquetas para definir Foucault.

Em 1975, quando perguntado, em entrevista concedida a Roger-Pol Droit, sobre qual seria a sua identidade: de historiador ou de filósofo? Foucault nega as duas possibilidades e se descreve como um pirotécnico e o seu método, em termos de estratégia:

Eu sou um pirotécnico. Faço algo que é definitivamente útil para uma cerca, uma guerra ou uma destruição. Não sou a favor da destruição, mas que ela pode avançar e avançar, que os muros podem ser derrubados. Um engenheiro é antes de tudo um geólogo, alguém que olha de perto os estratos do terreno, as dobras e as falhas. Você se perguntará: o que será fácil de cavar? O que vai resistir? Observe como as fortalezas foram erguidas, examine os relevos que podem ser usados para ocultar ou iniciar um ataque. Uma vez que tudo está bem localizado, o experimental é deixado, a pontuação. Envie escoteiros e coloque vigias. Peça a redação do relatório. Defina imediatamente as táticas a serem usadas. O sapato? A cerca? O ataque direto? Ou semear minas? O método, afinal, nada mais é do que essa estratégia. (POL-DROIT, 2008, p. 84, tradução nossa).

Ainda na mesma entrevista, Foucault descreve suas obras como caixa de ferramentas:

Todos meus livros, seja História da Loucura seja outro, podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo

abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultaram... pois bem, tanto melhor! (POL-DROIT, 2008, p. 57, tradução nossa).

Segundo estas representações, estamos diante de um pesquisador peculiar, que de modo sistemático e obsessivo (tomando o bom uso do termo), produzia obras que causaram um efeito bomba no conhecimento e na vida social, ao mesmo tempo em que vê sua herança como algo a se extinguir no momento do consumo. Como um artesão de fogos de artifício, a pretensão de se extinguir e ao mesmo tempo provocar uma reação não são contraditórias, apenas parece pedir a todos a mesma infidelidade desconstrucionista e nietzschiana, que impõe superar o autor, ultrapassá-lo, reinventá-lo, não se endurecendo na repetição e na pregação de fórmulas.

Entre a publicação da *História da Loucura* e o momento em que os questionamentos sobre suas obras começaram a surgir, Foucault relata que houve um largo espaço de tempo para o que ele chamava de detonação, sobre o livro ele responde: “Meu sonho ... que fosse um explosivo eficaz como uma bomba e bonito como fogos de artifício”. (POL-DROIT, 2008, p. 57, tradução nossa).

Para Foucault, a verdade também deve ser compreendida em termos de guerra que ele mesmo travou contra as linhas

que podem ser encontradas nos discursos, num movimento de afastamento e diferenciação, sendo o próprio discurso os instrumentos “como são instrumentais um exército ou, simplesmente, uma arma. Ou, ainda, um saco de pólvora ou um coquetel Molotov. Está vendo: voltamos àquela história de pirotécnico...” (POL-DROIT, 2008, p. 104, tradução nossa).

Este tipo de pesquisa não se presta a uma guerra contra as pessoas. A a partir destas marcas citadas anteriormente, a pesquisa foucaultiana pode ser compreendida como uma estratégia de guerra que utiliza instrumentos metodológicos próprios, para através dos discursos, descortinar verdades em determinado tempo histórico.

Vale salientar que estas verdades são historicamente descritas por meio de outras estratégias e por outros pesquisadores, mas agora sob a responsabilidade de um estudioso que não quer deixar escapar nada, nenhum documento sob os escombros, nenhum artefato na escavação arqueológica. Construindo uma pesquisa-instrumento disponível para a apropriação de qualquer luta, servindo para diversos fins. Mas de qual guerra estamos falando na atualidade das nossas pesquisas? Da insubmissão dos saberes? Do poder-saber-resistência? Da liberdade-assujeitamento?

Em Strathern (2003), Foucault recebe outra descrição, a de um pesquisador sistemático que se sentia livre para criar como bem desejasse e que para escrever em 1963, *O nascimento da clínica: uma arqueológica da percepção médica*, afirmou que leu a totalidade dos livros sobre medicina clínica publicados entre 1790 e 1820.

Em outra entrevista, Foucault (2006a) assume um conteúdo emocional na sua escrita e o fato de que seus livros representam partes da sua história. Por isso, pensamos na necessidade de se compreender o autor para se familiarizar com a sua obra.

O jogo das negativas e a infidelidade com o objeto

Na obra de Foucault pode ser percebida, pensamos nós, uma recorrente necessidade da pesquisa e do pesquisador se explicarem. Uma maneira foucaultiana de prever os mal-entendidos dos seus estudos e de deixar claro o caminho seguido para a obtenção dos resultados.

Chamamos atenção também para a maneira como Foucault apresentava alguns conceitos que foram se definindo ao longo dos seus estudos, precedidos geralmente pelo que denominamos de “jogo das negativas”. Esta estratégia pode ser lida no prefácio ou no texto de alguns de seus livros.

Como exemplo, tomamos *Vigiar e punir*, para definir o que é o poder, o filósofo nega as concepções clássicas que historicamente se prestavam a explicá-lo, para só depois defini-lo como um feixe de relações. Até chegar ao ponto de, em uma entrevista publicada na *Microfísica do Poder*, nos dizer que “O poder não existe”. (FOUCAULT, 1989a, p. 2481).

Do mesmo modo, na *Arqueologia do Saber*, para definir o enunciado, Foucault começa dizendo o que o enunciado não

é: uma proposição, uma frase ou um ato de fala, e só depois o caracteriza. Ainda, no mesmo livro, para explicar o seu procedimento arqueológico, ele nega que estaria realizando uma história das ciências, estruturalismo, historiografia e a história das ideias, sistematizando conceitos e correntes de pensamento para se diferenciar em relação a eles, para só depois apresentar as suas construções. (FOUCAULT, 2008).

Na atualidade, alguns pesquisadores de orientação foucaultiana, acabam adotando a mesma postura explicativa do filósofo, aqui destacamos o trabalho da professora Mara Vargas, que em sua tese de doutorado, escreveu um capítulo para explicar as suas ferramentas de análise, que ela intitula: “Do modo como falo daquilo que falo”. Nele, a autora aponta para os desdobramentos, tensões e escolhas em empreender a sua pesquisa documental, apontando para o movimento analítico necessário para que seus achados fossem os efetivamente apresentados, e não outros, as escolhas para a composição da tese e para a “amputação” de temáticas que foram se apresentando ao longo do processo de pesquisa. No texto, sua perspectiva metodológica é descrita como um laboratório vivo ao invés de um trabalho rígido. (VARGAS, 2008).

No capítulo de apresentação da *História da sexualidade* 2 (FOUCAULT, 1998), Foucault conta um pouco sobre o surgimento da sua pesquisa, enfatizando que o seu objetivo não era o de descrever a história dos comportamentos, das representações das práticas sexuais, mas de se deter no que tem de cotidiano na temática, no seu contexto teórico e prático, na história da sexualidade enquanto experiência. Além disso, relata as suas dificuldades e a necessidade de

se fazer um trabalho histórico e crítico sobre o sujeito, explicando também o aparecimento de dois caminhos de estudo: o exame histórico do tema ou a hermenêutica de si como objetos e o porquê das suas escolhas. A apresentação ainda é acompanhada da explicitação dos riscos de percorrer os labirintos dos documentos antigos e as suas múltiplas possibilidades.

A partir disso, o filósofo se desenvolve e explica as suas próprias construções, de forma filosófica, metodológica ou tomando outros conhecimentos que se façam necessários, para se estabelecer num jogo de descrição, negação e diferenciação.

Uma questão que aqui deve ser colocada é que este movimento é realizado em quase todas as obras de Foucault e, ao aplicarmos esta premissa na pesquisa acadêmica, o que acontece com o projeto de pesquisa é que ele vai sendo traído à medida que a pesquisa se desenvolve, pois ela nega as suas próprias proposições. Aqui a dificuldade de se situar entre um jeito de pensar e as demandas protocolares da academia, conforme apontado anteriormente.

Concordamos com Severiano (2016) quando afirma que neste tipo de estudo, para pesquisarmos sobre um determinado objeto se faz necessário o seu desconhecimento, pois a pesquisa acadêmica parte de pressupostos, conhecimentos prévios e questões, que contrariam o pensamento que move o pesquisador foucaultiano.

Entendemos também que o fazer pesquisa não se restringe ao ato de utilizar uma teoria para abordar um determinado objeto e não se aplicando, lançar mão de outra para se obter o efeito-resultado. (FOUCAULT, 2006b). Mas

parte do princípio de que empreender uma pesquisa sobre uma problemática ou objeto é escolher uma metodologia ou sistematizar uma outra para a sua abordagem e, a medida em que o objeto for se desenhando, defini-lo, descrevê-lo adicionar outras metodologias ou teorias, ou até mesmo excluí-las, mas entendendo os seus limites de aplicação, para só então colocar em debate o método, o objeto e os resultados. Seria o mesmo que soltar as bombas de Foucault, estando aí o diferencial do efeito no objeto das ciências.

Os trabalhos de conclusão de curso, também pelo seu caráter conclusivo, não têm a capacidade de abarcar em suas linhas o trabalho dispensado pelos pesquisadores e que serviram de pano de fundo para seus estudos. Ou seja, não se percebe todo o movimento de idas e vindas dentro dos conceitos e das maneiras foucaultianas de se abordar um objeto e da utilização das ciências como a filosofia, a história, a literatura e a arte à serviço do pesquisador para a definição do objeto e da escolha dos instrumentos.

Pensamos que as escolhas destes instrumentos são tão arriscadas quanto fazer a pesquisa em si. Sobre um possível método arqueológico, Foucault nega que *A arqueologia do Saber* seja um livro metodológico, deixando claro que os instrumentos para abordagem dos objetos são definidos pelo próprio Foucault, e que ele próprio não estava preocupado em estruturar um método, teoria ou instrumentos. (FOUCAULT, 2006b).

Neste caso, os instrumentos são escolhidos ou produzidos por ele devido à sua capacidade de poder faz aparecer o objeto, hesitando e titubeando entre as suas obras, objetos e instrumentos. Foucault define seu caminhar

de pesquisador como uma forma insensata e pretenciosa de apresentar os objetos, aqui acrescentamos o adjetivo infiel à relação entre o pesquisador e o seu objeto.

Daí mais uma vez rompe-se com outra questão da pesquisa acadêmica, a sua reprodutibilidade, permitindo pensarmos que esta forma de pesquisa, apesar de sistematicamente descrita, não permite a reprodutibilidade de seus resultados quando tomados método, objeto e instrumentos pelos pesquisadores, pois a subjetividade de Foucault transborda o molde acadêmico e não se mostra compatível com esta compreensão. Acreditamos que a pesquisa pode ser compreendida em suas escolhas metodológicas e no modo de fazer de cada pesquisador, mas não reproduzida, pois cada objeto é diferentemente tratado e apresentado, “renovado”, transfigurado ou reconstruído - a mera repetição do objeto e de metodologias por outras pesquisas deixa em suspensão o que entendemos por conhecimento novo, nesta perspectiva.

Os usos utilitários de Michel Foucault e os resultados da pesquisa de inspiração foucaultiana

Para a maioria dos pesquisadores utilizar os conceitos ou subsídios teóricos de Foucault no trabalho acadêmico sem assumir a pesquisa como foucaultiana é menos arriscado, pois em estudos que devem satisfações metodológicas e estruturais “de um trabalho científico”, frente a impossibilidade de romper com algumas amarras pré-definidas, é mais

seguro recorrer a um uso mais “bibliográfico” do Foucault, comum no campo da enfermagem, por exemplo, do que experimentar a “descompostura” de novos jeitos de pesquisar.

Trata-se de uma pesquisa feita à margem da forma-pesquisa, autônoma em vias dela mesma se insurgir contra as regras metodológicas e saberes instituídos dentro dos programas de pós-graduação. (SEVERIANO, 2016).

Embora, enquanto disciplina, a Enfermagem tem a possibilidade de construir um saber em dialogo com diversas áreas do conhecimento e nas diferentes abordagens metodológicas, ainda nos deparamos com a falta de segurança e liberdade de muitos docentes e discentes para lidar com o modo de fazer foucaultiano.

A partir das concepções até aqui apresentadas, ainda que passíveis de mal-entendidos, consideramos o projeto de pesquisa não como ponto de partida, mas como o primeiro ensaio de construção metodológica, como a tentativa de captar um objeto desconhecido e de definir instrumentos para abordá-lo. Compreender que o esforço da pesquisa é chegar a um objeto, descrevê-lo e expô-lo em uma tese, para ser apreciado, debatido, contestado, é outra questão. É realizar a descrição, análise e a problematização de verdades contexto-dependentes, e dessa forma, nos distanciarmos da crença da pesquisa como o acesso à verdade. (MEYER, 2014).

Na nossa experiência, percebemos que a utilização de Foucault como um teórico precede de um trabalho de garimpo para encontrar, nas entrelinhas dos seus livros, as diferentes abordagens sobre os seus temas nas fases arqueológica, genealógica e ética. Mas também se exige

uma compreensão do movimento seguido pelos estudos de Foucault para entender as metamorfoses do seu pensamento, ora completando-se, ora negando a si e aos outros.

Nas entrevistas cedidas pelo filósofo, pode-se perceber mais claramente as intenções e o prazer de Foucault em empreender as pesquisas, sentindo o ar de contestação e de enigma em seu jogo sucessivo de negações sucedidas por afirmações, muitas vezes irônicas, que causam uma torção analítica e teórica nos leitores, e ainda se acostumar a um texto cheio de signos e termos que não estão no cotidiano das leituras tradicionais na academia.

A pesquisa Foucaultiana não necessariamente precede da leitura e fichamento de todas as obras de Foucault, em versões originais ou traduzidas. Compreendemos que uma leitura utilitária da sua obra, recorrendo às principais ideias é o primeiro passo para esta empreitada e para que se possa localizar as obras que serão referência para cada pesquisa.

Uma proposição interessante para discentes e seus orientadores seria iniciar uma série de estudos temáticos optando-se por uma das diversas possibilidades didáticas de se classificar os estudos do filósofo como forma de oferecer aos pesquisadores a oportunidade de um panorama sobre as suas obras e a localização das temáticas na sua vasta bibliografia.

Um estudo que se presta a utilizar os subsídios teóricos de Foucault necessita de uma demanda de leitura e inscrição das terminologias nos resultados da pesquisa. Um estudo metodológico requer uma proposição arqueológica, genealógica, arquiogenealógica ou, anarqueológica como já se discute atualmente. Ou ainda o uso instrumental de todas

elas, sem preferências, mas tendo a perspicácia de colocá-las no lugar certo para explicar as coisas certas.

Mas como podemos apresentar um objeto desconhecido e definir instrumentos metodológicos que melhor se adéquem a cada escolha do pesquisador? Como definir os instrumentos a priori, se o objeto é desconhecido? É preciso entender que é no caminho da pesquisa que o objeto e a metodologia se desenvolvem, a pesquisa é pós, é hermenêutica e é histórico-filosófica. E é nesse caminho que o pesquisador exercita a operação de multiplicar leituras, análises, descrições, assim como os olhos e os olhares, dessa forma, evitamos que os achados da pesquisa fiquem permanentes, fixos, paralisados, evitamos fixidez de sentido, e a maximização dos sentidos e das compreensões. (PARAÍSO, 2014).

Ao final, teremos a possibilidade enquanto pesquisador livre, de apresentar resultados inusitados, novos sujeitos, objetos, acontecimentos, discursos, epistemes, entre outros — uma pesquisa insurreta na sua forma e desdobramentos que será colocada à prova, pois toda insurreição tem seus riscos.

Pesquisa-se no desconforto mental e orgânico, esgota-se as forças do orientador e do orientando, não há predefinições, mas existem escolhas melhores ou piores, (des)encontros e (dis) concordâncias, que só serão sabidas *a posteriori*, o que exige a paciência e emoção de cada descoberta, aguardando as contestações (e auto-contestações) ao defender a suas próprias teses. Não é a toa que Foucault evoca o desconforto como atitude intelectual e ética fundamental.

Sobre a questão da apresentação dos resultados, nos reportamos à sensação de solidão sentida por Foucault ao apresentar seus estudos em um dos seus cursos no College de France em 1975 (*Os anormais*). Sobre ele, o jornalista Gerard Petitjean do Nouvel Observateur, transcreveu a atmosfera de uma das aulas, demonstrando a frustração de Foucault com a ausência de espaço e de disponibilidade dos ouvintes para discutir os resultados dos seus estudos:

[...] Ha trezentos lugares e quinhentas pessoas aglutinadas, ocupando todo e qualquer espaço livre [...] Foucault tem doze horas por ano para explicar, num curso público, o sentido da sua pesquisa durante o ano que acaba de passar. Então, compacta o mais que pode e enche as margens como esses missivistas que ainda tem muito a dizer quando chegam ao fim da folha. 19h15. Foucault para. Os estudantes se precipitam para sua mesa. Não é para falar com ele, mas para desligar os gravadores. Não há perguntas. Na confusão, Foucault esta só. E Foucault comenta: “Seria bom poder discutir o que propus. Às vezes, quando a aula não foi boa, pouca coisa bastaria, uma pergunta, para pôr tudo no devido lugar. Mas essa pergunta nunca vem. De fato, na França, o efeito de grupo torna qualquer discussão real impossível! E, como não há canal de retorno, o curso se teatraliza. Eu tenho com as pessoas que estão aqui uma relação de ator ou de acrobata. E, quando acabo de falar, urna sensação de total solidão...”. (PETITJEAN , 1975, p. 12-3).

Da mesma forma, podemos nos deparar com a dificuldade para sintetizar em uma tese, um livro, ou um pequeno artigo, os resultados de um tempo de estudo e de descobertas. Fazer estas escolhas pode despertar no pesquisador um sentimento de injustiça com os seus achados, quando dados complementares e paralelos acabam virando artigos, cursos, aulas ou projetos de pós-doutorado. Pesquisando se percebe os múltiplos caminhos ainda a serem estudados, partindo de pistas e deixando elas mesmas pelo caminho, se sentindo incapaz de terminar arqueologicamente - de cavar, e ainda se deparar com uma pesquisa infinita sem se perder nela.

Para Veiga-Neto e Rech (2014), em um artigo intitulado: *Esquecer Foucault?*¹ as contribuições de Foucault para a compreensão do presente apresentam limitações em responder a determinadas perguntas. Deve-se atentar à pertinência entre aquilo que se deseja estudar e os recursos conceituais e metodológicos em Foucault. A sua ressalva é justificada pela necessidade de preservação das partes que ele considera envolvidas com a pesquisa “de um lado, Michel Foucault; de outro, aqueles que se valem das suas contribuições”. (VEIGA-NETO; RECH, 2014, p. 74-5).

Para nós se trata da necessidade da existência de um objeto passível de ser explorado pelas ferramentas

¹ Um texto elaborado com sugestões para pesquisadores que quiserem trabalhar com Foucault, onde ele aconselha uma orientanda a não o utilizar devido à proposição de sua questão de pesquisa que, segundo o professor, não se adequava à proposta foucaultiana. A persistência em querer trabalhar este tipo de pesquisa, fez com que a aluna propusesse um novo problema de pesquisa, mais adequado para uma abordagem foucaultiana e se mantivesse com o orientador e com os seus interesses em Foucault.

conceituais ou metodológicas de Foucault, de uma inclinação e disposição do discente para fazer o estudo e de um orientador com aproximação com o filósofo e que compreenda as idas e vindas deste tipo de estudo, que saiba fazer acordos e ajude o orientando a validar o que vai sendo construído na trajetória da pesquisa, porque não se pode chegar ao final do estudo para então discutir sobre ele; a construção é parcial e à todo momento, nos debatemos com redefinições, afinal o objeto e o método são igualmente estranhos.

Outra característica deste tipo de estudo é a necessidade de se estar aberto a múltiplos olhares teóricos com abertura para a multidisciplinaridade na abordagem do objeto, sem circunscrições e restrições, deixar o conhecimento livre para se articular e se produzir e tentar agarrá-lo na medida das nossas possibilidades.

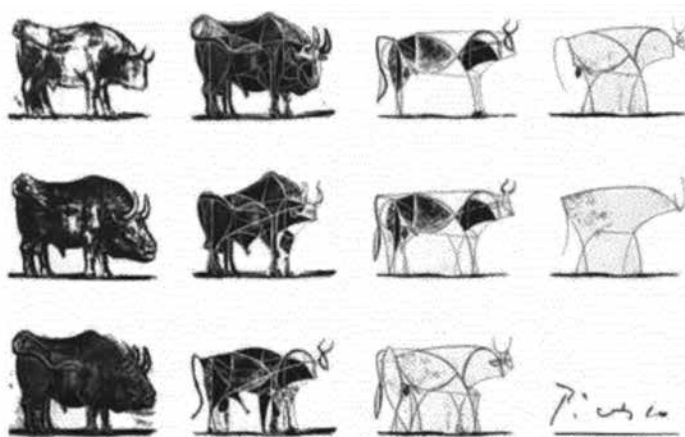
Dissecando o touro de picasso

Algumas obras e autores podem ser utilizados para facilitar a compreensão da obra de Michel Foucault, desde que não tomados como a principal fonte de referências de um estudo. No Brasil é possível adquirir uma literatura vasta de pesquisadores, grupos de estudos e de ex alunos de Foucault e que puderam compartilhar com ele a sua vida e produção intelectual; muitos ainda mantêm centros de pesquisas que tem como principal fonte os seus escritos.

Para compreensão do movimento investigativo à semelhança de Foucault citamos, com as devidas ressalvas

(não há unanimidade sobre proximidades e distanciamentos entre os estilos de pesquisa), a publicação de *Os queijos e os vermes* de 1976. (GINZBURG, 2006). Ao apresentar a vida de um moleiro condenado a morte pela inquisição, o autor constrói um ensaio metodológico que pode ser utilizado como leitura prévia e introdutória ao movimento foucaultiano, se assim desejarem. A descoberta da história de Menoccio foi descrita no livro como um caso motivado pela curiosidade de um historiador, mas o interessante na obra é a sua utilidade literária e também científica.

O subtítulo deste capítulo provém de uma experiência realizada pelas autoras durante a pós-graduação, quando as temáticas que interessavam aos estudos que estavam sendo desenvolvidos, foram debatidas em rodas de conversas realizadas entre orientandos e orientadores como principal metodologia para apropriação de conhecimentos. Em uma das sessões de estudo, o tratamento do objeto foucaultiano foi comparado à produção artística de Pablo Picasso “O touro”, o que também foi usado para ilustrar o processo de análise conceitual. Nela, o pintor parte de uma figura robusta e completa para traçados de linhas simples que o desconfiguram, mas não o anulam. (EDITORIAL, 2019). A análise, realizada pela equipe editorial da revista *Arteref*, é referente à figura seguinte:



Fonte: <https://arteref.com/arte/as-etapas-de-el-toro-de-picasso-do-academico-ao-abstrato/>

Observa-se que a obra faz um movimento contrário ao modo clássico de se conceber uma pintura, que geralmente parte do rascunho para a arte final. Semelhantemente o objeto foucaultiano deve ser dissecado até a sua forma mais simples, trazendo luz as suas partes mais singulares. A descoberta está na descrição do touro linha e não do touro em sua totalidade.

Para o professor psicanalista Guimarães (2013), o objeto de Picasso era o próprio processo de solvência do touro, a sua metamorfose e não o touro em si, tanto que o touro poderia ser substituído por outro objeto qualquer.

A particularidade desta interpretação psicanalítica nos remete a dois momentos em que Foucault foi interpretado de forma distinta ao que ele propunha. O primeiro refere-se ao texto *É inútil revoltar-se?* de 1979, onde Foucault se defende das acusações de apoio ao totalitarismo durante as

suas análises sobre a Revolução iraniana. Foucault aponta para um movimento irreduzível de sujeitos insurretos e livre que não coadunam com as formas de assujeitamento impostas por um poder que perde a sua força diante da resistência pautada no que chama de espiritualidade política das insurreições. (FOUCAULT, 2006c).

O segundo se trata de um texto inglês publicado com o título de *O Sujeito e o poder*, onde Foucault nega a ideia de que estaria construindo em suas obras uma teoria ou uma metodologia sobre o poder, mas traz como objetivo dos seus trabalhos a questão do sujeito, das diferentes formas de constituição histórica do sujeito nos discursos (saber), do sujeito produtivo (poder) e do sujeito enquanto vida biológica e social (ética). (FOUCAULT, 1995).

Nos dois exemplos, Foucault nos apresenta uma torção analítica, quando se pensava que ele apoiava a revolução iraniana ou que estava descrevendo uma teoria sobre o poder, o autor afirma que falava sobre a espiritualidade política naquele movimento revolucionário e descreve o sujeito como a centralidade das suas pesquisas, não o poder.

Talvez a constatação de que não existe nas suas obras a estruturação de um método ou uma teoria seja o mais desafiador para o pesquisador que se propõe a utilizar Foucault como inspiração em suas pesquisas.

Os achados arqueológicos

Foucault não negligenciava nada, nenhum dado, nenhum documento, tudo era igualmente importante. Nesta

perspectiva apresentamos alguns exemplos de obras que foram produzidas no caminho das pesquisas pelo filósofo:

— *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*, livro que apresenta a íntegra de um manuscrito das páginas do diário de uma moça hermafrodita que, após ser reconhecida como do sexo masculino pela medicina, suicidou-se por não se adaptar à nova identidade do seu suposto verdadeiro sexo. (FOUCAULT, 1982).

— *Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*, que conta a história de um camponês que matou violentamente a sua mãe que estava grávida e mais dois irmãos. (FOUCAULT, 1977).

Ambos os textos são acompanhados de relatos, marcações temporais, datas, lugares, dossiês, documentos jurídicos, relatórios médicos, laudos psiquiátricos, depoimentos e falas dos personagens principais, notas da imprensa da época e outros documentos e fatos.

O que nos interessa aqui, não são os fatos e análises em si, mas a forma como os documentos foram descobertos por Foucault, o que é explicado por ele mesmo no prefácio de ambos. A primeira publicação foi encontrada em uma revista médica, através de um texto de Tardieu, de 1960, sob o título de *Questão de identidade* e no livro *A questão médico-legal da identidade* de 1874. (FOUCAULT, 1982).

O caso de Pierre Rivière estava relatado nos *Annales d'hygiène publique et de médecine légale* de 1836, foi apresentado como um dossiê publicado em 1973 e como seminário no Collège de France (FOUCAULT, 1977). No capítulo de apresentação do livro, Foucault conta um pouco da circunstância da descoberta do dossiê:

Queríamos estudar a história das relações entre psiquiatria e justiça penal. No caminho encontramos o caso Revière. Este caso estava relatado nos *Annales d'higgiène publique et de médecine légale* de 1983. Como todos os outros dossiês publicados por esta revista, este compreendia um resumo dos fatos e perícias médico-legais. Contudo ele apresentava um certo número de elementos extraordinários. (FOUCAULT, 1977, p. 9).

Em Foucault nada se perde no trabalho arqueológico e, para a montagem de uma arquitetura de análise, são apresentadas as provas concretas baseadas em suas descrições acerca do caminho percorrido e dos achados escolhidos para se concluir.

Da mesma forma citamos *O Panopticon* de Jeremy Bentham do século XVIII, reapresentado em *Vigiar e punir* como a figura arquitetônica de máxima expressão do dispositivo disciplinar. Em entrevista a Jean-Pierre Barou, sob o título *O olho do poder*, o próprio Foucault relata a sua descoberta durante os estudos sobre as origens da medicina clínica, ao examinar projetos arquitetônicos hospitalares com o objetivo de saber a forma como o olhar médico se institucionalizou. O autor constatou a retomada do tema nas instituições psiquiátricas, escolas e prisões, por exemplo, e como os projetos arquitetônicos sempre referenciavam o modelo panóptico de Bentham. (FOUCAULT, 1989b).

O que tem em comum nestes estudos são as descobertas arqueológicas e a valorização de personagens e fatos até então esquecidos ou negligenciados pela história tradicional como pano de fundo para a produção de conhecimento

científico e a maneira arqueológica como eles foram encontrados.

Aqui talvez esteja representada a pirotecnia dos estudos foucaultianos, na capacidade de o pesquisador apresentar resultados marcados pela forma inusitada de apresentação e na riqueza de descobertas que muitas vezes causam estranhamento nos leitores. Os resultados necessitam ser metódica e obsessivamente explicados à maneira que o próprio Foucault faria, mas sem perder de vista a exposição de uma verdade sobre um objeto que nem sempre é o do projeto de pesquisa inicial, mas de um trabalho cheio de novos personagens históricos, conhecidos ou não, e de um objeto pesquisado, não do projetado.

O pesquisador deve ter a capacidade e a responsabilidade de apresentar uma pesquisa nova, mantendo a forma-pesquisa, a espiritualidade política do pesquisador, revestida do rigor acadêmico, mas com o riso reprimido de quem espera a contestação pelo simples prazer de respondê-las com um jogo sucessivo de negativas que contornam as afirmações, para só então, ao se confrontar com o cansaço dos questionamentos ter a certeza do dever cumprido e se orgulhar de ter tratado com a astúcia filosófica a produção do conhecimento o tempo todo.

Considerações finais

Não podemos encerrar este capítulo, sem deixar de relatar uma dificuldade a ser enfrentada pelos pesquisadores,

em particular no campo da enfermagem, quanto à publicação de suas pesquisas, devido às características dos periódicos da sua área técnica. Frequentemente podemos nos deparar com o retorno de escritos por parte dos avaliadores, solicitando esclarecimentos quanto à metodologia que julgam não estarem suficientemente claras, além do insistente e inegociável pedido para que os termos foucaultianos, como por exemplo, panóptico e arquigenealogia, sejam substituídos por sinônimos que possam ser mais facilmente traduzidos para outros idiomas.

O levantamento de material bibliográfico na área temática das ciências da saúde, nas diferentes bases de dados, para revisões ou aprofundamento das temáticas também enfrenta a barreira da indexação de artigos por descritores, sendo que, a esmagadora maioria dos termos foucaultianos não são facilmente acessados, sendo a busca muitas vezes realizada por palavras-chave, com o retorno de um número reduzido de publicações, ou por estratégias de busca bastante ampliadas e leituras da íntegra de manuscritos.

Por fim, a atitude diante das pesquisas, muitas vezes adotada por Foucault, nos aponta um caminho e condução do nosso posicionamento enquanto pesquisadores dentro desta proposta metodológica. Reforça a necessidade de ora ser peixe, expectador, curioso, destemido e dispostos até mesmo de nadar contra a correnteza, e ora ser samurai, reflexivo e sábio na escolha das palavras, as quais são capazes de despertar uma guerra intelectual.

Apontamos para uma pesquisa que se utiliza uma metodologia que se faz ao caminhar e neste mesmo percurso que o objeto se delineia. Talvez o desafio da pesquisa

foucaultiana seja a forma como ela desenvolve ao mesmo tempo teoria, método e resultado, que não se desvinculam desde o projeto. E cabe ao pesquisador articular estes três momentos distintos, que se entrelaçam durante a análise e escrita do estudo.

A pirotecnia da produção de um conhecimento genuinamente foucaultiano está em compreender a forma de pensar do filósofo, se apropriar de conceitos ou do seu modo de fazer pesquisa, ter a capacidade de discernir a possibilidade de sua utilização para a abordagem de determinados objetos ou parte dele, e de articulá-lo com outros autores, teorias ou metodologias que possam se somar à produção de conhecimento e à descrição ou análise dos objetos. Fazer escolhas e chegar a conclusões, novas, parciais, perceber as incompletudes, as aproximações e os distanciamentos, e assim apontar os novos saberes, monumentos, sujeitos ou objetos. Uma infidelidade!

Referências

BOURDIEU, Pierre. Um pensador livre: “Não me pergunte quem sou eu”. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 25, n. 1, p. 170-175, jun. 2013.

EQUIPE editorial. El toro de Picasso: do acadêmico ao abstrato: **Revista Arteref** [online], 27 nov, 2019. Disponível em: <https://arteref.com/arte/as-etapas-de-el-toro-de-picasso-do-academico-ao-abstrato/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Verdade Poder e si mesmo**. In: FOUCAULT, Michel *Ética Sexualidade, Política* (Coleção Ditos e Escritos 5). Tradução de Elisú Monteiro e Autmn Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia poder-saber**: o uso dos prazeres. In: Foucault, Michel. *Coleção Ditos e Escritos 4*. Tradução de Vera Lúcia. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

FOUCAULT, Michel. *Ética Sexualidade, Política*. In: Foucault, Michel. *Coleção Ditos e Escritos 5*. Tradução de Elisú Monteiro e Autmn Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c

FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão ...** um caso de parricídio do século XIX, apresentado por Michel Foucault. Tradução de Denize Lezan de Almeida. 5. ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin**: o diário de um hermafrodita. Tradução e Irley Franco. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **O olho do poder**. In: MACHADO, Roberto. *Microfísica do poder*, 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989b, p. 115-126.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica, para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

PETITJEAN, Gérard. **Les Grands Prêtres de l'université française**, Le nouvel Observateur, 1975. In: FOUCAULT, Michel. Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Sobre a história da sexualidade**. In: MACHADO, Roberto. Microfísica do poder, 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989a, p. 138-163.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUIMARÃES, Luis Moreno. **Os tourinhos de Picasso: método e metamorfose**. In: VII encontro Psicanalítico de Teoria dos Campos, 2013, São Paulo. Anais do VII encontro Psicanalítico de Teoria dos Campos, 2013. Disponível em: <http://www.fepal.org/wp-content/uploads/0970.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.

MEYER, Dagmar Estermann. **Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica.** In: MEYER, Dagmar Estermann, PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. 2º ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 49.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologia de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas.** In: MEYER, Dagmar Estermann, PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. 2º ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 25.

POL-DOIT, Roger. **Entrevistas con Michel Foucault.** Tradução de Rosa Rius Buenos Aires: Paidós, 2008, p.128.

SEVERIANO, Pablo. Pesquisar com Michel Foucault. **Textura Canoas**, v. 18, n. 36 p. 265-285 jan./abr. 2016.

STRATHERN, Paul. **Foucault em 90 minutos.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003, p. 88.

VARGAS, Mara Ambrosina de Oliveira. **Bioética em discurso** – efeitos sobre os processos de constituição do sujeito enfermeira/o na terapia intensiva, 2008 [tese] Florianópolis (SC): UFSC/PEN, 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo; RECH, Tatiana Luzia. Esquecer Foucault? **Pro-Posições**, v. 25, n. 2, p. 67-82, maio/ago. 2014

VEYNE, Paul. **Foucault: o pensamento a pessoa.** Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2008.

Principais conceitos foucaultianos utilizados em estudos acerca da enfermagem psiquiátrica

Maria Angélica de Almeida Peres
Alessandra Cabral de Lacerda
Angela Aparecida Peters
Gisele Fernandes Tarma Cordeiro
Wanderson Alves Ribeiro
Maria Itayra Padilha

Introdução

Michel Foucault, ao debruçar-se sobre as questões da loucura ou da sexualidade, sobre as prisões ou os asilos, jamais deixou de preocupar-se com o poder. Por esse motivo, a questão do poder é indissociável de sua obra e constitui-se em um tema imanente a seu pensamento.

A produção do conhecimento na área de especialidade em Enfermagem Psiquiátrica tem na obra de Foucault um referencial teórico-metodológico capaz de fazer emergir e interpretar contextos em que a prática e o saber da enfermagem se desenvolveram ao longo dos anos e apontar críticas acerca da luta contemporânea pelo cuidado reformado, fora dos manicômios. Contudo, não é comum aos pesquisadores brasileiros, que utilizam o referencial foucaultiano, sinalizar este autor como palavra-chave em seus estudos ou citá-lo no título ou resumo, o que impede muitos estudos de serem encontrados nas bases de dados. Em uma busca realizada em

2019 com o termo “Enfermagem Psiquiátrica” — na qual o operador booleano é *and* e Foucault, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) — retornou com apenas 31 resultados. Trata-se então do que certamente não reflete o número real de produções científicas na área da Enfermagem Psiquiátrica que utilizaram Michel Foucault como referencial teórico-metodológico. Porém, estudos anteriores com buscas mais amplas e aprofundadas levaram a um número maior de resultados.

Dentre estes, um estudo sobre teses e dissertações produzidas na área de enfermagem em uma universidade do Sul do Brasil concluiu que:

O referencial foucaultiano aponta um novo olhar para os diversos campos de atuação da enfermagem, seja no âmbito institucional, das políticas públicas, do cuidado, das questões de gênero, na formação profissional, na tentativa de entender que estratégias, lutas, saberes e práticas têm influenciado a construção dos sujeitos e o delineamento de técnicas que possibilitam a ampliação dos espaços de autonomia do cliente e da enfermagem (COSTA et al., 2008, p. 636).

Outro estudo, o de Carvalho et al. (2012), no qual os autores realizaram um levantamento de teses e dissertações que utilizaram a análise foucaultiana a partir da década de 1990 até 2011, identificou a utilização deste referencial na perspectiva da arqueologia e da genealogia, como forma de compreender as formações discursivas relacionadas

à constituição do corpo na prática de enfermagem na clínica, a reforma psiquiátrica e os espaços de cuidado, os micropoderes na saúde e as relações de poder nos inúmeros espaços de intersecção profissional (CARVALHO et al., 2012).

Sendo assim, existe uma gama de possibilidades e argumentos para que Foucault continue subsidiando a produção científica da enfermagem psiquiátrica, por ser um autor que se refere aos nexos entre as complexas relações entre saber e poder que caracterizam o ambiente social, político e institucional.

O pensamento de Michel Foucault destacado na enfermagem psiquiátrica no Brasil

O cuidado de enfermagem psiquiátrica se constituiu em conformidade ao modelo de saúde mental empregado em cada tempo histórico, envolvido por discursos e relações entre grupos humanos, em espaços geográfico e temporal definidos.

Ao considerar-se a loucura como motivo de exclusão social e a enfermagem psiquiátrica como grupo de trabalhadores presente no espaço hospitalar continuamente, há que se estabelecer a relação que coloca a enfermagem tanto como sujeito ativo quanto passivo no exercício de poder dentro desse espaço. Foucault se empenhou em demonstrar como as instituições sociais sujeitam o ser humano e Billouet (2003) observa que, em vez de se querer libertar o homem, é mais urgente criticar essas estruturas de sujeição.

Assim, autores brasileiros apropriam-se do referencial foucaultiano para estudos sobre a enfermagem psiquiátrica, nos quais pode-se destacar a utilização de conceitos e reflexões de Foucault presentes nas seguintes obras: *A história da loucura* (1961), *A arqueologia do saber* (1969), *Vigiar e punir* (1975) e *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (1976), *Microfísica do Poder* (2003)².

Em *História da loucura*, Foucault focaliza sua atenção na “loucura” como objeto em meio a uma ampla gama de discursos, que historicamente permitem seu aparecimento. Foucault chama essa análise de “percepção”, onde a relação teórica e prática estabelecida com o louco é intrinsecamente ligada aos processos de exclusão institucional. Ou seja, o processo de enclausuramento, que em um primeiro momento pautou-se por premissas morais, permitiu uma primitiva “percepção” da loucura, que se desenvolverá em formulações de conhecimento e saber (FOUCAULT, 1997, p. 407).

A arqueologia do saber possibilita analisar os diferentes discursos envolvidos na exclusão dos doentes mentais no Brasil e elucidar estratégias desenvolvidas pelos atores sociais presentes nos espaços de cuidado. O sentido atribuído na obra ao discurso não é o de teorias ou abstrações, mas de práticas que apresentam uma materialidade e cuja formação se relaciona, necessariamente, com a formação no nível não discursivo (FOUCAULT, 2004). “O discurso é um conjunto de regras dado como sistema de relações. Essas relações constituem o discurso, em seu volume próprio, em sua

² Datas correspondentes a primeira edição das obras.

espessura, isto é, caracterizam-no como prática, prática discursiva” (MACHADO, 2006, p. 153).

Há ainda o que Foucault chamou de “espaço complementar” ou de formações não discursivas: instituições, acontecimentos políticos, práticas e processos econômicos. Uma instituição comporta em si enunciados, de que são exemplos uma constituição, uma carta, um contrato, inscrições, registros. Inversamente, os enunciados remetem a um meio institucional, no qual surgem objetos e sujeitos que falam de tal lugar. Portanto, formações discursivas e não discursivas devem ser articuladas para se chegar ao discurso efetivamente pronunciado. As possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso, bem como as articulações com outros discursos e práticas não discursivas, permitem chegar ao que Foucault chamou de saber. Um saber “é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva”, isto é, “o domínio constituído pelos diferentes objetos, que irão adquirir ou não um status científico” (FOUCAULT, 2004, p. 204).

Na mesma obra Foucault retoma as pesquisas desenvolvidas em *História da Loucura*, e explicita a historicidade da loucura. No século XIX, a psiquiatria surge como uma novidade, não se relacionando com o que se chamavam de “males da cabeça” ou “doenças nervosas”.

“O surgimento da psiquiatria produziu uma perceptível modificação nos conceitos, temas, jogos de relações entre a hospitalização, internamento, regras de exclusão social, regras de jurisprudência, normas do trabalho industrial e da moral burguesa etc.; enfim,

todo um conjunto que caracteriza essa prática discursiva e a formação de seus enunciados” (GIACOMINI; VARGAS, 2010, p. 124).

A partir de *A arqueologia do saber* é possível descrever conceitualmente a formação dos saberes, sejam eles científicos ou não, para estabelecer suas condições de existência e não de validade, considerando a verdade como produção histórica, cuja análise remete às suas regras de aparecimento, organização e transformação no nível do saber (MACHADO, 2006, p. 166).

Em *Vigiar e punir*, Foucault (2005) mostra que o corpo doente, prisioneiro, escolarizado é também um corpo sexualizado por um dispositivo de saber-poder. Identifica o nascimento das disciplinas como uma arte do corpo humano que visa não unicamente ao aumento de suas habilidades, nem tampouco ao aprofundamento de sua sujeição, mas à formação de uma relação que o torna tanto mais obediente quanto mais útil e vice-versa.

Em *História da sexualidade I: a vontade de saber* (1999), Foucault trata da produção dos discursos sobre o sexo, no terreno das relações de poder, chegando a uma análise da sexualidade como dispositivo político, que evidencia uma história dos corpos, ou seja, “o poder não rege o sexo no modo da proibição, mas segundo uma tecnologia disciplinar” (BILLOUET, 2003, p. 163). A esse respeito, comenta Gilles Deleuze (2005, p. 98): aquilo que Foucault nos diz é que “quando o esquema de poder troca o modelo de soberania por um modelo disciplinar, ele se torna um “biopoder” ou uma “biopolítica” das populações. Surge então um novo objeto de poder, que é a própria vida humana”.

Ainda nesta obra por último citada, Foucault (1999) explicita o conceito de dispositivo como um conjunto heterogêneo formado por elementos discursivos e não discursivos: discursos, instituições, organizações arquitetônicas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais ou filantrópicas. As relações entre esses elementos devem ser estabelecidas a partir do pressuposto metodológico de que o discurso pode aparecer para justificar ou mascarar uma prática, que permanece muda, ou como uma reinterpretação dessa prática, fornecendo acesso a um novo campo de racionalidade.

A função estratégica do dispositivo consiste na manipulação de forças feita por meio de uma intervenção racional e organizada, seja para colocar as relações de força em determinada direção, seja para bloqueá-las. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante e o hospício é facilmente identificado na história da loucura como um dispositivo. Serve como exemplo, no contexto de uma economia mercantilista, a absorção de uma parcela indesejável da população, a qual, pouco a pouco, se tornou o dispositivo de controle-dominação da loucura, da doença mental, da neurose (FOUCAULT, 2003).

Dois estudiosos do pensamento de Foucault, Pierre Billouet e Gilles Deleuze, mostram a inter-relação entre *Vigiar e punir* e *História da sexualidade I*. Billouet (2003, p. 13) afirma que Foucault escreveu livros em série, nos quais “foi realizado um trabalho de modificação de seu próprio pensamento e do pensamento dos outros”. Deleuze (2005) considera que, naquela primeira livro, Foucault inventa uma nova concepção de poder, a qual é detalhada na segunda.

Em *Microfísica do poder* (2003), coletânea de artigos, cursos, entrevistas e debates, nos quais Foucault analisa questões relacionadas à medicina, à psiquiatria, à economia, ao hospital, à prisão, à sexualidade etc., na qual o poder é a questão central, pode ser considerada complementar às demais. Apresenta a configuração do poder, sua difusão no corpo social, seu exercício em instituições, sua relação com a produção da verdade, bem como as resistências que ele suscita. Uma das importantes contribuições da filosofia de Foucault é a de enfatizar a análise dos micropoderes, espalhados em todo o tecido social, para além das estratégias de dominação nas relações sociais (DELEUZE, 2005).

Em *Microfísica do poder*, Foucault considera a instituição como um ponto de passagem, de produção de saber e de relações de poder. Os discursos são elementos de um dispositivo essencialmente político, onde podemos analisar as relações de força codificadas, que constituem o ponto de interseção entre teoria e prática, entre o saber e o poder. Mais: temos de considerar que “saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder” (MACHADO, 2003, p. XXI-XXII).

As práticas que organizam determinado espaço estão impregnadas pela subjetividade dos agentes ou atores e expressam interesses conflitivos, sendo, portanto, um espaço do exercício predominante do poder, mas sendo também permeável ao contrapoder dos interesses e objetivos não hegemônicos. O poder se exerce em uma espécie de rede, na qual os indivíduos estão, a cada momento, seja em posição

de exercer o poder, seja em posição de serem submetidos a ele. Em outras palavras, o poder é algo que circula incessantemente, sem se deter exclusivamente nas mãos de ninguém: potencialmente, todos são, ao mesmo tempo, detentores e destinatários do poder, seus sujeitos ativos e passivos (FOUCAULT 2003).

Numa abordagem lógica que estabelece a relação entre o poder e o saber é possível assimilar o pensamento foucaultiano no campo da enfermagem psiquiátrica e da saúde mental, assim como fazer emergir as tecnologias de poder disciplinar aplicadas na execução do cuidado ao doente mental, para uma compreensão crítica das práticas discursivas e não discursivas nas relações estabelecidas e nas formas como a enfermagem é exercida em espaços psiquiátricos. As descrições históricas restringem suas atividades à vigilância, higiene, alimentação e administração de medicamentos, que ficam marcadas como atividades menores de seu cuidado, uma vez que não havia destaque a seu valor social para a manutenção da vida das pessoas, nem para o que era feito no entremeio dessas atividades: escuta ativa, formação de vínculo com o paciente, orientações e estímulo para o autocuidado, atenção ao familiar, entre outras ações que constituem o cuidado especializado (FOUCAULT, 2010). Como esse é um campo de múltiplas possibilidades, significa que tais regras podem e devem ser aplicadas de forma estratégica e singular a objetos e problemas diversos, buscando dar visibilidade a um campo de forças em luta que se forma em torno de questões prementes para uma sociedade, em certo tempo, tais como criminalidade, loucura, sexualidade, normalização das

condutas individuais, entre outras (PRADO FILHO, 2017, p. 318).

Nos diferentes serviços de saúde mental, a enfermeira é um dos elementos que compõem a equipe multiprofissional, possuindo os saberes próprios para coordenar, planejar e executar os programas a serem desenvolvidos e toda a assistência da equipe de enfermagem, identificando as necessidades do usuário e de sua família durante a hospitalização ou fora dela, atividades que se traduzem em exercício de poder. Essas formas de circulação do saber e do poder do enfermeiro remetem a técnicas de articulação de poder e de exercício das tecnologias disciplinares (FOUCAULT, 2003; JUNQUERA et. al, 2015).

Para Foucault, o sucesso do poder disciplinar se deve ao uso de instrumentos simples, que são as tecnologias disciplinares: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação com o exame, o controle do tempo, os mecanismos de vigilância, o controle e a correção sobre o indivíduo (JUNQUERA et al., 2015).

Portanto, a disciplina é mais que uma arte de dividir os corpos nos seus devidos lugares e de retirar e acumular o tempo dos corpos. A disciplina precisa compor as forças, isto é, as peças, de modo combinado, para obter utilidade e eficácia; deve formar um tempo composto, onde os tempos individuais se juntam para extrair a maior quantidade de forças possível de cada um e combiná-las para um resultado ótimo. A disciplina ordena, tática e estrategicamente, a sociedade dos corpos submetidos (FOUCAULT, 2005).

Ao analisar os processos de disciplinarização que se desenvolveram na época clássica em escolas, exércitos,

prisões e hospitais, Foucault (2003 e 2005), resguardando as especificidades de cada local, estabeleceu como características comuns no processo de docilização dos corpos a distribuição dos indivíduos no espaço e o controle das atividades.

A distribuição dos indivíduos no espaço responde à necessidade de localização imediata de cada indivíduo em seu lugar, garantindo o estabelecimento imediato das presenças e das ausências e a vigilância, a todo instante, dos comportamentos individuais e coletivos, podendo ocorrer o isolamento dos indivíduos em um espaço delimitado, esquadrinhado, hierarquizado, capaz de desempenhar funções diferentes, segundo o objetivo específico que dele se exige (FOUCAULT, 2005; MACHADO, 2006).

O controle das atividades é exercido sobre o corpo e interessa mais em seu desenvolvimento do que em seu resultado. Faz parte desse controle: o rigor do tempo, ou seja, o horário; a elaboração temporal do ato; a correlação do corpo e dos gestos; a articulação corpo-objeto e a utilização exaustiva (FOUCAULT, 2005). Dessa forma, o corpo é submetido ao tempo, com o objetivo de produzir o máximo de rapidez e eficácia. A disciplina realiza o controle minucioso das operações do corpo, através da elaboração temporal do ato, pela articulação do corpo com o objeto a ser manipulado (MACHADO, 2006). Por que essa atenção máxima ao tempo? Porque a perspectiva da morte é medida pelo tempo.

Como principais instrumentos disciplinares, responsáveis pelo sucesso do poder disciplinar, Foucault (2005, p.

143) destacou a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e “sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame, como se explica a seguir.

A vigilância hierárquica é um instrumento de controle disciplinar, que implica vigiar contínua e permanentemente os indivíduos, submetendo-os a uma pirâmide hierarquizada de olhares, não sabendo eles quando estão sendo observados. Sua principal característica é a de penetrar em lugares recônditos, estando presente, sem ser vista, em toda a extensão do espaço disciplinar (FOUCAULT, 2003). Segundo Machado (2006), um dos estudiosos de Foucault, é o olhar invisível que deve impregnar quem é vigiado, de tal modo que este adquira de si mesmo a visão de quem o olha. A vigilância hierárquica é a mais importante máquina, a principal engrenagem do poder disciplinar: ela contribui para automatizar e não individualizar o poder, ao mesmo tempo em que individualiza os sujeitos a ele submetidos. A vigilância, como técnica, produz efeitos homogêneos de poder, generaliza a disciplina, expandindo-a para além das instituições fechadas. Nesse sentido, pode-se dizer que ela “assegura o funcionamento de um poder relacional, que se autossustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados” (FOUCAULT, 2005, p. 148).

O registro das informações faz parte da disciplina por garantir as anotações sobre o indivíduo e sua transferência de baixo para cima, de modo que, no cume da pirâmide disciplinar, nenhum detalhe, acontecimento ou elemento escape a esse saber (FOUCAULT, 2003). A disciplina implica o registro contínuo de conhecimentos. O olhar que observa

é o mesmo que extrai, anota e transfere as informações para os pontos mais altos da hierarquia de poder. Assim, ao mesmo tempo em que exerce um poder, a disciplina produz um saber (MACHADO, 2006).

A sanção normalizadora refere-se a um mecanismo penal, que funciona no núcleo de cada sistema disciplinar. A disciplina traz consigo uma maneira específica de punir, ao contrário do castigo disciplinar, que tem a função corretiva de reduzir os desvios. A sanção nem visa à expiação nem à repressão: “a penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela *normaliza*. “A punição, na disciplina, é um esquema duplo de gratificação-sanção, que permite tanto promoções quanto rebaixamentos de hierarquia e lugares. Nela os indivíduos são diferenciados em função de sua natureza, de seu nível ou valor. A disciplina destaca o poder da norma, que funciona dentro de um sistema de igualdade formal, como um imperativo útil, que diminui as diferenças individuais, ajustando-as umas às outras” (FOUCAULT, 2005, p. 149-154).

O exame opera como uma espécie de articulação entre a vigilância perpétua e a sanção normalizadora. O exame estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade, através da qual eles são diferenciados e sancionados, “manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam”. Trata-se de um controle normalizante, de uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Ritualizado ao extremo, o exame coloca em funcionamento relações de poder que permitem obter saber. Mais do que

isso: com o exame, o indivíduo passa a ser, ao mesmo tempo, efeito e objeto do poder e do saber: “o exame não se contenta em sancionar um aprendizado; ele é um de seus fatores permanentes” (FOUCAULT, 2005, p. 154-155).

No que se refere ao biopoder, Foucault assinala que, a partir da segunda metade do século XVIII, o poder disciplinar passa a ser complementado pelo biopoder. Ambas as espécies de poder passam assim a coexistir no mesmo tempo e no mesmo espaço. Por isso, esclarece, o biopoder “não suprime a técnica disciplinar, simplesmente porque é de outro nível, está em outra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos diferentes” (FOUCAULT, 1999, p. 289).

O que há em comum entre os conceitos de poder disciplinar e de biopoder é a permanência em ambos do poder-saber, da ideia de poder enquanto produtor de conhecimento. Foucault nos leva para além das regras de direito que organizam e delimitam o poder. É atrás delas que estão as técnicas, os instrumentos e até mesmo as instituições que Foucault quer trabalhar. Trata-se, em suas palavras, “de não analisar o poder no nível da intenção ou da decisão”, mas sim de estudá-lo sob a perspectiva de sua externalidade, no plano do contato que estabelece com o seu objeto, com o seu campo de aplicação. Trata-se, afinal, de buscar o poder naquele exato ponto onde ele se estabelece e produz efeitos (FOUCAULT, 2005, p. 33).

A diferença fundamental entre os conceitos de poder disciplinar e de biopoder é a de que o poder disciplinar é sentido nos corpos dos indivíduos, enquanto que o biopoder é aplicado em suas vidas. Enquanto o poder disciplinar

promove a individualização dos homens, o biopoder acarreta sua massificação, tendo em vista que seus efeitos se fazem sentir sempre em processos de conjunto, coletivos, globais, os quais fazem parte da vida de uma população: os nascimentos, as doenças e as mortes (FOUCAULT, 1999).

É importante perceber que em todos os processos nos quais se exerce o biopoder, há concomitantemente uma extensa produção de saber. O biopoder não intervém no indivíduo, em seu corpo, como faz o poder disciplinar; ao contrário, intervém exatamente naqueles fenômenos coletivos, que trazem à tona problemas de massa, cuja ocorrência se dá sempre em série e nunca de forma isolada ou individualizada (FOUCAULT, 1999).

Portanto, o poder disciplinar e biopoder sobrepõem-se constantemente. No campo do saber produzido em conjunto pela fusão entre as mecânicas disciplinares e biopolíticas do poder, Foucault nos dá o exemplo concreto da medicina como um tipo de poder-saber, que incide concomitantemente sobre os corpos individuais e sobre a população. A medicina, assim como a sexualidade depende de processos disciplinares e biológicos, individualizantes e massificantes, controladores e regulamentadores (FOUCAULT, 1999). Há, pois, um elemento em comum que transita entre o poder disciplinar e o biopoder, entre a disciplina e a regulamentação, e que possibilita a manutenção do equilíbrio entre a ordem disciplinar do corpo e a ordem aleatória da população. Esse elemento é a norma, “que tanto pode se aplicar a um corpo, que se quer disciplinar, quanto a uma população, que se quer regulamentar” (FOUCAULT, 1999, p. 300-302).

No que tange à enfermagem psiquiátrica, há perfeita sincronia entre seus fazeres e as tecnologias disciplinares, pois há exemplos que podem ser aqui elaborados para demonstrar a pertinência do pensamento foucaultiano nas produções científicas da área. Há certos controles institucionais que são exercidos pela enfermagem ao planejar as atividades dos usuários: hora da medicação, hora do banho, hora do pátio, hora do almoço, organização do ambiente (distribuição de leito, hora da visita) e da equipe (hora de separar a medicação, hora de dar a medicação, o banho, o almoço — enfim, fazer a evolução de enfermagem).

Além disso, a equipe de enfermagem observa e é observada continuamente pelos demais profissionais de saúde, pelos usuários, pelos familiares, desde a sua chegada na instituição até a passagem do plantão, tanto em seu comportamento como na execução de suas atividades. Os procedimentos de exame são acompanhados imediatamente de um sistema de registro intenso e de acumulação documentária servindo como uma peça com a função de fornecer tempo, lugar, hábitos e costumes (FOUCAULT, 1991).

Assim, as reflexões teórico-filosóficas de Foucault ampliam a compreensão das relações de poder-saber da enfermagem psiquiátrica e nos permitem percebê-la como prática do cuidado especializado, executado em rede, na qual circulam o tempo todo o “poder” e o “saber” como dispositivos disciplinares que controlam e manipulam os indivíduos como objetos.

Histórico da enfermagem psiquiátrica no Brasil na perspectiva foucaultiana

No Brasil, um momento de demarcação da atuação da enfermagem na psiquiatria é a inauguração do Hospício de Pedro II, no Rio de Janeiro, então capital do Império, em 1852. Nesse espaço de exclusão e isolamento social das pessoas consideradas loucas, no que concerne à atuação da equipe de enfermagem, esta foi liderada por 31 anos consecutivos por irmãs de caridade francesas, que implementaram um exercício de poder silencioso, o qual se difundia por toda a instituição (PERES et al., 2011).

Após a abertura do Hospício de Pedro II, aumentou no Brasil o número de instituições asilares, o que resultou em lentidão no processo de crítica a seu modelo na sociedade. Havia por trás do manicômio o saber e o poder médicos, que mantinham a segregação do louco num discurso legítimo de tratamento (PERES et al. 2011; REIS, 2016).

A enfermagem que cuidava dos doentes mentais desde o Hospício de Pedro II, já era formada por uma equipe, na qual, a depender da época, estavam religiosos, ajudantes, atendentes, enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem. Sua presença garantiu a permanência dessas instituições, onde lhe coube a parte mais difícil: conviver e manter as pessoas internadas nas instituições. A esta equipe foi determinado o controle dos corpos pela vigilância, a supervisão de doentes e funcionários subalternos, além do próprio serviço de enfermagem, muitas vezes incorporando serviços de farmácia, cozinha, lavanderia, portaria e terapia ocupacional (PERES et al., 2011; GUIMARÃES, 2018).

Neste arcabouço da história da psiquiatria, a enfermagem psiquiátrica se institucionalizou para fazer valer o saber psiquiátrico, legitimado pela existência de instituições reservadas ao tratamento de pessoas diagnosticadas como doentes mentais que, destituídas de todos os seus direitos, tinham no exercício disciplinar da equipe de enfermagem sua sorte decidida, pois a medicina social demonstrava interesse pela exploração do conhecimento voltado para o corpo individual e pelo controle desse corpo em sua totalidade (REINALDO; PILLON, 2007).

No bojo da modernização do hospício no Brasil ocorreu a criação da primeira escola de enfermagem no país, marco histórico da visão que defende o preparo de enfermeiros para o cuidado em psiquiatria. A Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras foi criada pelo Decreto nº 79127, de setembro 1890, assinado pelo então presidente da República, marechal Deodoro da Fonseca, cabendo à instituição preparar enfermeiros e enfermeiras para os hospícios e hospitais civis e militares (PORTO; AMORIM, 2013).

Nesse período, o cuidado a quem tinha algum diagnóstico de doença mental era apoiado no modelo biomédico de caráter majoritariamente hospitalocêntrico, no qual a enfermagem se fazia presente em todo o contexto, prestando assistência de maneira parcial e velada às especificidades da nosologia psiquiátrica, sendo muitas vezes atingida em sua condição psíquica e física por estar sempre muito próxima da loucura (SILVA, 2014).

No que concerne à peculiaridade do trabalho da enfermagem em psiquiatria, estudos históricos apontam que,

mesmo após a adoção, em vários países do modelo proposto por Florence Nightingale, a atuação da enfermagem no hospício não era apoiada nesse modelo, permanecendo a mesma sob orientação do médico. É fato que até a meados do século XX, o cuidado com o doente mental, não foi objeto de interesse para a enfermagem moderna brasileira (KIRSCHBAUN, 1997; REINALDO, 2007; CARVALHO, 2017).

As transformações no cuidado de enfermagem ao longo dos diferentes modelos psiquiátricos aplicados e das diferentes políticas de saúde mental implantadas do Brasil seguiram uma ordem, segundo a qual o cuidado cotidiano, acrescido de saberes próprios da profissão, embasado em teorias de enfermagem psiquiátrica importadas dos Estados Unidos, foi se tornando um outro poder. Ou seja, a enfermagem detinha poder nas instituições e era peça-chave na rede de saberes, mesmo quando estes saberes eram práticos, construídos na lida diária e contínua dentro da instituição psiquiátrica. Contudo, foram sendo reconhecidos no campo científico e paulatinamente houve a ampliação do saber/poder profissional.

A ideia de que as formações discursivas nascidas no interior da instituição psiquiátrica foi limitante para o avanço científico da enfermagem psiquiátrica é resultante do hospitalocentrismo que dominou o Brasil neste espaço. O discurso da enfermagem psiquiátrica somente ganha força de transformação quando novas teorias chegam para criticá-lo, para reduzi-lo à aplicação de tecnologias disciplinares que faziam valer o papel da instituição: vigiar e punir.

Diante de avanços do saber médico-psiquiátrico, a enfermagem foi percebendo em si mesma o conhecimento que lhe faltava e aliou-se com a sociedade quando se abriram as portas para que a loucura saísse do confinamento. Nas décadas de 1970-2010, quando houve o movimento da Reforma Psiquiátrica e sua implementação no Brasil, também verificou-se a construção da enfermagem psiquiátrica como especialidade e como ciência, seu reconhecimento no campo prático e acadêmico e sua ressignificação fora da instituição.

O processo histórico-social nos revela como a enfermagem psiquiátrica transformou-se para estar na sociedade. Foi preciso que algumas gerações de profissionais permitissem ser, como os próprios pacientes psiquiátricos, desinstitucionalizados, para então agir e tomar para si sua formação e sua prática assistencial, sendo esta alavancada hoje pela capacidade de atuar em equipe interdisciplinar.

Considerações finais

Foucault propôs um caminho na construção de uma escrita histórica, que pode ser aplicada como um procedimento de pesquisa com a finalidade de descrever os discursos de diversas disciplinas, dentre elas, a psiquiatria. Assim, a especialidade enfermagem psiquiátrica vem sendo construída e reconstruída por autores que tomam como base a pensamento deste filósofo, cujo legado é rico, a exemplo da arqueologia, que tem por objetivo especificar um método de investigação a fim de entender a ordem interna que constitui

um determinado saber, o qual vai resultar em poder ou em ampliação de poder.

Na pesquisa arqueológica as análises estão longe de buscar a verdade e continuidade, estão centradas no homem, na constituição histórica das ciências do homem na modernidade. Assim, o referencial teórico-metodológico foucaultiano para desenvolver estudos e pesquisas em enfermagem psiquiátrica pode ser mais e melhor aplicado para sustentar o saber profissional especializado.

Não se esgotam aqui as possibilidades de uso do pensamento de Foucault no campo da enfermagem psiquiátrica; ao contrário, o que aqui se apresentou foi uma seleção de obras e conceitos que fundamentaram autores na temática. Diante disso, cabe ao leitor conduzir seus estudos com o devido aprofundamento que este texto ainda requer diante da complexidade dos escritos de Foucault.

Referências

BILLOUET, Pierre. FOUCAULT. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

CARVALHO, Juliana Bonetti; MAIA, Ana Rosete; SANTOS, Evangelia Kotzias Atherino; BORENSTEIN, Miriam Susskind; ESPINDOLA, Daniela Simoni. Foucault como caminho de compreensão para a pesquisa histórica de Enfermagem. **História da Enfermagem - Revista Eletrônica (HERE)**, v. 2, p. 160-71, 2012.

CARVALHO, M. S.; MARTINS, G. C. S.; DIAS, N. L.; SANTOS, T. C. F.; ALMEIDA FILHO, A. J.; PERES, M. A. A. O ensino de enfermagem psiquiátrica na Escola Ana Néri, na primeira metade do século XX. **Rev Eletr Enferm**; v. 17 n. 1. 2015. Disponível em: <http://revistas.ufg.br/fen/article/view/23546>.<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v17i1.23546>. Acesso em 11 de outubro de 2019.

COSTA, R.; SOUZA, S. S.; RAMOS, F. R. S., PADILHA MI. Foucault e sua utilização como referencial na produção científica em enfermagem. **Texto & Contexto Enferm.**; v. 17 n. 4 p. 629-37. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/02.pdf>. Acesso em 11 de outubro de 2019.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, M. *A História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: a história da violência nas prisões. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões: Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

FOUCAULT, Michel. A Microfísica do poder. São Paulo, SP, Editora Paz e Terra. 20ª. Edição, 2004.

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro, RJ, Nau Editora, 3ª. Edição, 1ª reimpresão, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 38 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GIACOMONI, Marcello Paniz; VARGAS, Anderson Zalewsky. Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva. Veredas on line — Análise do Discurso — 2, p. 119-129, 2010.

GUIMARÃES, J. C. S. Eletroconvulsoterapia no instituto municipal Nise da Silveira: desvelando o cuidado de enfermagem (1978-1990) – RJ. Dissertação (Mestrado) apresentada à banca examinadora no Curso de Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery/ UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

JUNQUEIRA, L. A. P.; CAMPOS, M. A.; SILVA, M. F.; BARBOSA, R. P.; Redes Sociais e Relações de Poder na Enfermagem: Estudo de Caso em um Hospital Municipal. **Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba**, v. 17, n. 3, p. 148 - 158, 2015

KIRSCHBAUN, D. I. R. Análise histórica das práticas de enfermagem no campo da assistência psiquiátrica no Brasil, no período compreendido entre as décadas de 20 e 50. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. spe, p. 19-30, May 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691997000500003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 Out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-1169199700500003>.

MACHADO, R. **Por uma Geneologia do Poder**. In: Foucault, Michel. *Microfísica do Poder*. 15 ed. Rio de Janeiro, Edições Graal. 2003.

MACHADO, R. **A ciência e o saber** — a trajetória da arqueologia de Foucault. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MORAIS, F. T.; AMORIM, W. M. Como contribuições do II Congresso Médico Latino-Americano para Enfermagem no Brasil. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 56-65, março de 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 11 de outubro de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452009000100009>.

PERES, M. A. A. et al. O ensino da psiquiatria e o poder disciplinar da enfermagem religiosa: o hospício de Pedro II no segundo reinado. **Texto contexto-enferm.**, Florianópolis, v. 20, n. 4, p. 700-708, Dec. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072011000400008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 11 Out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072011000400008>.

PERES, M. A. A.; BARREIRA, I. A. Uma nova enfermagem psiquiátrica na universidade do Brasil nos anos 60 do século XX. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 108-114, Mar. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000100017&lng=e

n&nrm=iso. Acesso em 11 Out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-8145200800017>.

PORTO, F.; AMORIM, W. (org.). **História da Enfermagem** — identidade, profissionalização e símbolos. 2 ed. São Caetano do Sul (SP): Ed. Yendis. 2013. p. 37- 86.

PRADO FILHO, Kleber. A genealogia como método histórico de análise de práticas e relações de poder. **Revista de Ciências HUMANAS**, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 311-327, jul-dez 2017.

REINALDO, A. M. S.; PILLON, S. C. História da enfermagem psiquiátrica e a dependência química no Brasil: atravessando a história para reflexão. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 688-693, Dec. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452007000400021&lng=en&nrm=iso. Acesso em 11 Out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452007000400021>

REIS, J. R. F. O mentecapto de Itaguaí, história, loucura e saber psiquiátrico: diálogos historiográficos em torno de “O alienista” de Machado de Assis. **História, Ciências, Saúde** — Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, out.-dez. 2016, p. 1095-1112. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v23n4/0104-5970-hcsm-S0104-59702016005000003.pdf>. Acesso em 11 de out. 2019.

Alguns temas que nos interessam a partir da perspectiva foucaultiana – de sujeitos a governos.

Flávia Regina Souza Ramos
Arthur Ramos Gonzaga
Dulcinéia Ghizoni Schneider
Laura Cavalcanti de Farias Brehmer
Graziele de Lima Dalmolin
Cristina Nunes Vitor de Araujo

Introdução. Pós-estruturalismo e saúde – porque estudar Foucault ?

Muito se tem falado sobre correntes de pensamento pós-modernas e sobre sua produtividade em campos diversos, numa crescente interface entre teorias, objetos e pesquisadores, como das ciências humanas e sociais entre si e destas com áreas como a da saúde. O campo da saúde tem ampliado, nesta relação com teorias sociais e com a filosofia (principalmente, mas não exclusivamente), seu campo de problematização, análise e produção de conhecimentos sobre antigos e novos e objetos.

Apesar deste ponto de partida ser senso comum de muitos autores e referenciais já bem conhecidos no campo da saúde, ainda há dúvida em torno de ideias básicas acerca desses pensamentos, no que se diferenciam de perspectivas mais tradicionais e porque representam, efetivamente, uma contribuição para o campo da saúde. Quando referimos

perspectivas tradicionais, queremos destacar que uma série de possíveis disciplinas ou linhas de pesquisa que se abriram desta relação entre saúde e ciências humanas e sociais — como sociologia da saúde, antropologia da saúde, história da saúde, filosofia da saúde — são anteriores a uma perspectiva peculiar que aqui se pretende tratar. Portanto, também nelas se faz sentir o peso de um conhecimento produzido e sustentado com base em referenciais que foram contestados, criticados e ampliados por diversas posições, muito genericamente agrupadas sob o termo pós-modernas.

No presente capítulo, não se pretende discorrer sobre este conjunto diverso e plural de posições e autores pós-modernos, mas apenas fazer alguns destaques sobre uma destas perspectivas — o pós-estruturalismo e, mais detidamente, em possíveis apropriações da obra de Michel Foucault. De certo modo, se pretende responder a um estranhamento ainda manifesto quando profissionais da saúde proferem a linguagem destes autores e pensam problemas não imediatamente identificados com a prática, a técnica ou a intervenção em saúde, mesmo quando estão falando, de um modo diverso, dessas práticas, técnicas e intervenções. Não é rara a cobrança, velada ou explícita, por uma explicação ou justificação de nossas escolhas teóricas, respondendo a uma questão repetidamente posta — Para que estudar isto quando a saúde possui tantos problemas concretos por investigar? No que este tipo de estudo contribui para a prática ou para a consolidação da enfermagem (por exemplo) como disciplina ou profissão?

O texto se constrói como uma apropriação bastante singular a este recorte teórico (Foucault e pós-estruturalismo)

e a esta demanda de aplicação (objetos de pesquisa do campo da saúde), tendo como objetivo oferecer uma síntese de alguns pressupostos básicos deste tipo de contribuição e exemplos de sua produtividade na investigação em saúde. Enfrentando os limites de escrever um texto curto sobre autores, temas e conceitos tão complexos e com vasta bibliografia disponível, implica no risco de simplificações, classificações e citações recorrentes, ou mesmo de apresentação de um simples glossário de termos. Sem a pretensão de uma revisão bibliográfica rigorosa, não se deixará de recorrer a tais conceitos, citações e autores, na medida em que são úteis à síntese que se quer propor e, principalmente, por que podem ser pistas interessantes para quem se inicia em Foucault.

Talvez um início de caminho seja reconhecer certa ligação do pós-estruturalismo foucaultiano como a virada lingüística da pós-modernidade, ou seja, com uma forma de vincular o conhecimento e compreensão do mundo social à própria forma de nomear este mundo. Assim, privilegia-se uma perspectiva que reconhece o descentramento da consciência e do sujeito, a provisoriidade de posições que esses sujeitos tomam no interior dos discursos que lhes constituí, interrogando esses discursos e desestabilizando-os como epistemes que formulam, ordenam e moldam o mundo para os sujeitos que produzem o real; ou, ainda, epistemes, a um só tempo, permitem e impedem de pensar, ver e dizer certas coisas sobre um mundo que não tem sentido fora delas (SILVA, 2000).

Enquanto a perspectiva pós-moderna já antecipa o interesse pelo sentido que é dado ao mundo, o pós-

estruturalismo torna inseparável pensar a verdade e os processos que a definem. A questão passa a ser quem pode dizer o que está sendo dito, que posição ocupa o sujeito que pode enunciá-la, de que lugar ele fala ou a que campos de saberes ele pertence, com que enunciados se relaciona. Assim, o foco se dirige para os modos sob os quais se exerce o poder de definir verdades (Veiga-Neto, 2011).

Um segundo passo, pode ser lembrar, da vida e a obra de Michel Foucault, coisas que nos ajudam a situar a amplitude de apropriações possíveis de suas perspectivas, ou forma de questionar a realidade. Foucault tem sido objeto de muitos estudos e algumas polêmicas em todo o mundo, de forma que sempre haverá um texto o definindo de um modo diverso — como historiador, filósofo, jornalista, crítico cultural, pensador vinculado, com maior ou menor força, a causas e movimentos políticos, literários, acadêmicos. Enfim, um intelectual comprometido com o seu tempo, com a atualidade política; um diagnosticador ou historiador crítico deste presente ou, como para Moricone (2005, p. 121), um autor "signo do século XX". Gros (2004, p. 12) resume: "Foucault não é filósofo e militante, erudito e resistente. Ele é historiador porque militante e resistente porque erudito." Sua obra oferece bases relevantes para inúmeros campos de investigação, como da política, literatura, economia, arquitetura, geografia, educação, direito, entre outros, o que a tornou uma das mais importantes na análise das complexas formas da existência social contemporânea. Esta influência interdisciplinar crescente é atribuída à pertinência de seu pensamento para análises sobre temas que ele tratou direta ou indiretamente, como corpo, identidade e subjetividade,

moral e ética, governo e tecnologias, entre tantos (SMART, 2002).

Há uma relativa dificuldade de caracterizar e sistematizar toda sua obra, exatamente pela possibilidade de se utilizar diferentes critérios para tal. Mesmo tomando as temáticas ou a cronologia de sua obra, chega-se a diferentes sistematizações, embora a mais recorrente talvez seja a que reúne o critério metodológico e cronológico, propondo três fases de sua obra — a arqueológica, a genealógica e a ética³. Veiga-Neto (2011) prefere usar o termo domínios ao invés de fases ou eixos, quando destaca o critério ontológico de Morey (1991). A partir da centralidade de sua "ontologia do presente" (modo como "nos constituímos como sujeitos") sua obra é articulada em torno de 3 eixos: — eixo Ser-saber (como nós tornamos sujeitos de conhecimento), — eixo Ser-poder (como nós tornamos sujeitos de ação); eixo ser-consigo (como nós tornamos sujeitos morais). Esta classificação não é incompatível com o critério metodológico, uma vez que os métodos arqueológico e genealógico estão presentes nos dois primeiros domínios ou eixos, respectivamente. Quanto à manifestação de Foucault de que sempre esteve envolvido numa interpretação genealógica, Rabinow (1991) concorda

³ Esta sistematização é apresentada e discutida por autores como Rabinow e Dreyfus (1995), Deleuze (2005), Revel (2011) Veiga-Neto (2007), Castro (2004). As fases incluem obras clássicas: — fase arqueológica (década de 60 — *História da Loucura, O nascimento da clínica, A palavra e as Coisas e Arqueologia do Saber*), — fase genealógica (década de 70 — *A ordem do discurso, Vigiar e Punir* e o primeiro volume da *História da Sexualidade* — a vontade de saber), — fase ética (últimas obras, especialmente os volumes 2 e 3 da *Historia da Sexualidade* — o uso dos prazeres e o cuidado de si).

que é possível antever 3 domínios de genealogia na ontologia histórica de nós mesmos (da verdade, do poder e da ética, numa aproximação aos 3 eixos de Morey) e que algumas obras expressariam mais um ou outro eixo, enquanto que obras como "A história da Loucura" já presenciava os 3 eixos.

O certo é que há sempre cuidados ao se propor estas divisões internas numa obra em que o próprio Foucault identificou uma única ruptura epistemológica, a partir da leitura de Nietzsche ainda na década de 1950. Revel (2005) lembra que os analistas de Foucault acabaram por construir não um, mas três ou quatro autores, cada qual com campos de interesse, terminologia e aporias específicas, mas que isso pode ter sido uma resposta administrativa à censura de dispersão desta mesma obra, lhe dando uma aparência de linearidade. O que a autora defende é a coerência essencial (transversal) do trabalho foucaultiano, mesmo que este assuma a descontinuidade como projeto; e que linearidade e continuidade não significam coerência e unidade (a ausência de uma não exclui a outra) ou mesmo, não há equivalência entre nenhum destes termos. Para a discussão da perspectiva metodológica o próprio autor utilizou os termos arqueologia e genealogia para caracterizar uma distinção em relação ao que já se processava como trabalho da história das ideias. Esse tema é abordado em outro capítulo do presente livro.

Apresentar Foucault deste modo não traz nenhuma novidade e, talvez, mais ainda faça surgir a ideia de que tal pensamento possa dizer respeito a poucos interessados em pesquisas históricas, por exemplo; ou a estudos sobre

o poder. O que ocorreu, nestes anos de apropriação foucaultiana no campo da saúde, foi um uso expandido de alguns conceitos e obras do autor, muitas vezes como citações ilustrativas, discussões secundárias e sumarizadas ou abordagens redutoras. Não é incomum o autor constar das referências bibliográficas de artigos, teses e dissertações, mas é incomum trabalhos que o têm como referencial teórico-metodológico. Um jeito de pensar e escrever, de lançar perguntas tão próprias, não se expressa pelo número de citações ou referências, daí o desafio. Mas, nestas aproximações, pouco a pouco ganha corpo um conjunto de análises pertinentes inspiradas pelo pensamento deste autor.

De diferentes temas que poderiam aqui ser escolhidos para sinalizar a produtividade da abordagem foucaultiana, apenas dois serão tratados — dois serão tratados — o sujeito e a governamentalidade. Natural que se recorra a uma mínima retomada da perspectiva que Foucault trouxe a esses temas, mas o pano de fundo que se pretende dar luz é o de seu emprego como ferramenta analítica interessante para nosso tempo e lugar.

O sujeito em construção entre poderes e saberes

Uma posição inicial sobre o sujeito poderia facilmente ligar Foucault a um conjunto de outros autores, denominados pós-modernos, pós-estruturalistas ou desconstrutivistas, que compartilham a noção de sujeito como experiência histórica e culturalmente contingente e singular, como um

artefato e não como base perene da história. Ao contrário de qualquer essencialismo ou sentido de universalidade e centralidade — que constituiu nossa imagem de humanos conscientes, modernos, autônomos, mobilizados por ideais e projetos de plenitude e realização — só se pode pensar no sujeito que se produz em diferentes modalidades de subjetivação humana; não em únicos locais, mas em cruzamentos de vários trajetos, na tessitura de vetores, dispositivos, modos de fabricação.

Por isso, ao invés de "o sujeito" se fala em "posições de sujeito"⁴, para marcar as diversas e instáveis posições em que o humano se coloca quando se relaciona ou é tomado por saberes específicos (psicologizado, sociologizado, biologizado, politizado) ou quando se identifica em razão de categorias sempre parciais (classe, sexo, gênero, etnia, credo, nacionalidade). Quando é reconhecido o caráter fragmentário de nossas formas de nomear estes complexos e embaralhados processos de subjetivação, formas anteriores de nomeação dos sujeitos não perdem de todo seu valor. Apenas deixam de ser um nexos superior ou central para a problematização que se possa fazer sobre o sujeito, para ser mais um nexos naquilo que nos faz o que somos - nem coesos nesta disparidade, nem totalmente desconexos apesar dela.

Foucault assume como objeto de seu trabalho histórico os "diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos" (FOUCAULT, 1995, p. 231).

⁴ Pode-se lembrar de autores como Hall (2004), um dos que adotam este tipo de expressão, ou formas similares de expressar este pressuposto de múltiplas situações de sujeitos..

Ao mesmo tempo em que afirma que não é o poder, mas o sujeito, o tema geral de sua pesquisa, não deixa de situar a conexão entre processos de subjetivação e relações de poder, já que "enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas". Para ele, o problema filosófico, ético, político mais evidente talvez seja "a questão do tempo presente e do que somos neste exato momento" (ibidem, p. 239), para podermos recusar os tipos de individualização que nos foi imposta e buscar novas formas de subjetividade. Projetar este horizonte tornará qualquer autor, como Foucault, empenhado num pensamento e escrita que terá, ao fim, o sentido de transformar a si mesmo.

Foucault descreve os três modos de subjetivação que transformam os seres humanos em sujeitos: na arqueologia trabalhou a objetivação do sujeito no campo dos saberes; na genealogia a objetivação de um sujeito nas práticas do poder que divide e classifica; e no registro da ética a subjetivação de um indivíduo que trabalha e pensa sobre si mesmo (VEIGA-NETO, 2011).

As obras de Foucault tratam polissemicamente os processos de objetivação e de subjetivação que constituem o sujeito, o primeiro se refere aos processos disciplinares que fazem do homem um objeto, o segundo diz respeito a processos oriundos da sociedade que atam o indivíduo à uma identidade. De toda a forma, independente das aproximações ou distanciamentos entre os processos de objetivação e subjetivação o sujeito é produto das relações de poder. (NALLI, 2000)

Nos domínios do saber, do poder e da ética se estabelecem as relações do sujeito sobre as coisas, sobre a ação dos outros

e sobre si mesmo. Nesses domínios cabe perguntar como nos constituímos enquanto sujeitos do nosso saber, sujeitos que exercem ou sofrem relações de poder e como sujeitos morais de nossa ação (ARAÚJO, 2000).

Foucault (2006a) destaca que esses domínios só podem ser compreendidos uns em relação aos outros. Nesse sentido, a constituição de si pelo sujeito não se limita ao domínio da ética, mas também na sua relação com o saber e o poder. Tb salienta que não há um sujeito soberano, uma forma universal de sujeito que poderia ser encontrada em todos os lugares. Para ele o sujeito se constitui por meio das “práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade” (FOUCAULT, 2006b, p. 291). Os sujeitos são objetivados por certas práticas: as práticas objetivadoras que tem por objeto o indivíduo normalizável, pensado por meio das ciências humanas; as práticas discursivas que são produtoras epistêmicas; e as práticas subjetivadoras pelas quais o sujeito pode pensar-se enquanto sujeito (ARAÚJO, 2000).

A subjetivação é o processo de constituição de um sujeito, da subjetividade como uma das possibilidades de uma organização da consciência de si (FOUCAULT, 2006c). Pode-se dizer que Foucault se interessou pela “história do sujeito” no sentido dos modos de subjetivação, compreendidos a partir de duas formas: como modos de objetivação, referindo-se ao sujeito como objeto em relações de conhecimento e poder; e em relação ao conceito de ética, definindo a relação do sujeito consigo mesmo, ou seja, como o sujeito se constitui em sujeito moral (FOUCAULT, 2010).

Considerando os modos de objetivação que contribuem para a transformação dos seres humanos em sujeitos, três foram analisados por Foucault. O primeiro denominado como modo de investigação, ou seja, o sujeito na ciência, na produção ou na sua simples existência. O segundo refere-se a sua divisão em relação aos demais, o que foi denominado por Foucault de “práticas divisoras”. E terceiro, a maneira pela qual o ser humano se torna sujeito, escolhendo o domínio da sexualidade para estudá-la (FOUCAULT, 2010).

Nesse sentido, no segundo momento de suas análises, Foucault busca situar o saber como elemento das relações de poder e como um dispositivo político (MACHADO, 2008), procurando desenvolver uma nova economia dessas relações de poder (FOUCAULT, 2010), a qual concebe o poder como múltiplas relações de força imanentes e constitutivas do local em que são exercidas, como um jogo constante de lutas e afrontamentos que as transformam, constituindo cadeias ou sistemas (FOUCAULT, 2008).

Foucault descreve o poder em sua nuance cotidiana, presente nas relações e realidade dos sujeitos, sendo definido de micro-poder, reforçando a ideia de que o poder não é visto como algo unitário e global, mas expresso de maneiras díspares, heterogêneas e em permanente estado de transformação (MACHADO, 2008). Isto é, sua produção pode ocorrer em todos os pontos e entre cada ponto e outro, pois “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 2008, p. 103). O poder não é entendido como propriedade, mas sim como uma estratégia que desvenda uma rede de relações tensas, manobras, táticas, técnicas, sempre em

atividade, e não como privilégio que fosse possível deter, que constituísse um modelo. O poder mais se exerce do que se possui, constituindo um contínuo enfrentamento, pois as relações de poder implicam, diretamente, a questão da liberdade, pela possibilidade da resistência (FOUCAULT, 2003).

Ao entender que o poder é algo que se exerce e está presente em diferentes pontos das relações, que por sua vez, são desiguais e móveis, a presença do poder sugere a presença simultânea de resistência, de um exercício de contra poder, pois as relações de poder não podem existir sem os pontos de resistência, que tomam caráter de adversário, representando o outro das relações de poder (FOUCAULT, 2008).

Diversos outros conceitos e apropriações poderão ser estudados como possibilidades de abordagem do sujeito: o conceito de regimes de verdade, como constituem a nós e a nossas formas de problematizar isto que somos, dando condições para a experiência e o discurso que constituem o sujeito; o conceito de tecnologias do eu no conjunto das artes da existência⁵, como práticas discursivas e normativas que passam a configurar um campo moral, na medida que coloca o sujeito como alvo de seu próprio saber e ação, ingressando-o na ordem da moralidade e da cultura, afirmando-o como sujeito de ação moral (GROSS, 2004)

⁵ “práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” (FOUCAULT, 2001, p.15)

Resistindo a tentação de tornar este texto uma longa retomada de referências e excertos, cabe se limitar a esta breve demonstração da móvel e intrincada rede de relações em que pessoas e sociedades vivem e dão sentido a suas vidas, fora das quais não podem ser sequer pensadas, pois são redes trançadas em epistemes/saberes/poderes que produzem realidade e formas de subjetividades.

O que muda, ao se pensar (ou pensar-se) assim, no campo de estudos próprios de uma profissão, como a Enfermagem?

Há coisas que não são nada estranhas ao mundo do trabalho em saúde. Elas estão presentes nas conversas cotidianas, nos fóruns profissionais, nas produções científicas. Elas dizem respeito a lugares, ideias e pessoas. Nossos lugares de trabalho, de cuidado, de atenção à saúde — serviços, instituições, espaços de encontro, circulação e acontecimento. Nossas ideias sobre a saúde e a doença, o corpo, o cuidado, os modos de conhecer e intervir, o correto e o inaceitável, as circunstâncias, as metas e os futuros. E dizem respeito a nós mesmos e aos outros nestes lugares, seja lá o nome que este "nós mesmos" e este "outro" recebe — doente, paciente, usuário, portador, trabalhador, profissional, cuidador; e todos expressando suas diferenças/singularidades/inscrições e, também, envolvidos por nomes comuns. Nomeações múltiplas, que datam, localizam, excluem, inserem num registro, num jeito de pensar.

Então porque ainda ocorre certo estranhamento quando pesquisadores falam destas coisas conhecidas? Não porque as coisas sejam estranhas, mas porque estão construídas dentro de uma linguagem que não é aquela que circula nos

"dispositivos" de formação e prática profissionais. Mostra-se, assim que é possível tentar falar de fora de nossas narrativas, se propondo a desestabilizá-las e a tornar inteligível o próprio modo pelo qual foram construídas.

Nossos objetos de estudo estão, assim, mergulhados nestes discursos e práticas e é isto que lhe empresta sentido próprio, um interesse entre tantos outros. Uma tecnologia de prática ou de ensino, por exemplo, pode ser tomada e montada por diferentes grades ou perspectivas de análise: — pelo impacto gerado e avaliado por diferentes modos (como mudança de perfis estatísticos, de comportamentos, resultados comprováveis, de probabilidades de risco, fracasso ou sucesso, entre outros); — por seus fundamentos, metas e proposições; - por suas estratégias e seu funcionamento mais operacional e detalhado; — pelos saberes que opera; — pelos agentes que a operam; por sua história (e de quantos modos de escrever esta história se possa ter), entre tantas outras possibilidades. A mesma tecnologia pode ser apresentada como um grande avanço ou a mais arcaica das ferramentas; pode ser um instrumento, um dispositivo, uma técnica, uma política, um modelo, uma teoria; pode ser articulada à diferentes conjuntos de outras teorias, instrumentos ou dispositivos.

Então, o que muda talvez seja a possibilidade de pensar diferente, de situar pensamentos e pensadores nessa rede intrincada onde muitas coisas são produzidas; não apenas as coisas que operamos, mas também o que nos tornamos ao operá-las, ao dizer o que somos e ao dizer o que vemos e vivemos no mundo.

A governamentalidade...ou Biopolítica

Foucault identifica governamentalidade como um importante processo em que gradualmente o Estado medieval modificará, impulsionado pelos importantes eventos históricos do século XVIII, as suas articulações de poder, reformando, com base nos ideais da soberania e disciplina, a administração, alterando seu paradigma territorial para um paradigma populacional (FOUCAULT, 2013).

Esse processo corresponde ao desenvolvimento de instituições, estratégias, práticas, ferramentas e dispositivos que serão empregados para governar não mais o território do senhor ou monarca, e sim sua população, tendo como arcabouço de saber, principalmente a economia política. Um processo que Foucault pode claramente observar a partir do modelo pastoral cristão e toda técnica diplomático-militar evidente nos séculos XVI e XVII (FOUCAULT, 2013).

Governamentalidade implica um duplo viés fundamental para entender a sua origem e instrumentalidade. O primeiro se trata da soberania. Nos séculos XVI e XVII, de Guillaume de La Perrière, Maquiavel à François de La Mothe Le Vayer, as preocupação pela arte de governar eram da ordem da manutenção e expansão da soberania, considerando a ocupação e proteção do território do governante, que como nas palavras de La Perrière, "pode ser chamado qualquer monarca, imperador, rei, príncipe, senhor, magistrado, prelado, juízes e semelhantes" (FOUCAULT, 2013, p. 286)

A soberania, no processo da governamentalidade, fornecerá os contornos morais, econômicos e políticos de

um governo das populações. É a soberania que, na arte de governar, justificará seu poder através da moralidade do governante, que para bem governar precisa fazer emanar da sua população uma moral legítima, uma moralidade hegemônica que legitime o governante e sua própria moral, que produza uma continuidade ascendente capaz de corroborar com a manutenção daquelas articulações de poder governantes.

Por outro lado, ou viés, uma articulação de sentido contrário é necessária para se criar essa hegemonia ou legitimidade da soberania, um movimento de sentido descendente que vise produzir as ferramentas práticas para garantir a soberania. Nessa articulação, Foucault denota o papel da disciplina. A disciplina de Foucault, já havia sido notada de forma mais simples por Maquiavel e o poder de polícia, mas Foucault vai além, para perceber no poder disciplinar, além do seu lado negativo ou punitivo, o seu lado positivo, produtor de subjetividades, controlador e administrador das populações.

A disciplina é uma ferramenta fundamental que será desenvolvida justamente para, em um sentido descendente, irradiar a moralidade, a política e a economia do governante pelas populações que começam a explodir demograficamente. O Aumento vertiginoso das populações é um chamariz importante para observações e soluções de problemas que trazem consigo, de toda sorte, educacionais, higienistas, urbanos, médicos.

A governamentalidade se funda, então, nesses dois aspectos essenciais, soberania e disciplina, e se torna o mecanismo de governo das populações em massa a partir

do século XVIII por todo o ocidente. As estratégias e ferramentas que essa governamentalidade produzirá, resultarão no nascimento de instituições, ordenamentos jurídicos, dispositivos de segurança das mais variadas matrizes sociais, positivas e negativas, punitivas e produtivas, como hospitais, escolas e prisões. A matéria prima que a governamentalidade irá manusear serão justamente os saberes ou poderes advindos desse rol de matrizes nos quais está imbricado, sempre produzindo dados, produzindo informações e saberes. Atua nas populações não apenas disciplinando, positiva ou negativamente, mas criando e gerindo os lugares de articulação de poder e seus articuladores. A governamentalidade produz populações alimentando-se delas, gerindo seus padrões e desvios, categorizando tudo e delimitando sua moralidade, economia e política.

Essas coletas e usos de saberes governamentais é aquilo que Foucault chama de biopolítica. A governamentalidade, por fim, seria justamente, a mobilização de todo um saber advindo e produzido das populações para retorná-lo na forma legitimadora da soberania e disciplina. Para retorná-lo, após sua ascensão, de forma descendente, como um poder econômico e politicamente verdadeiro às populações. A biopolítica é a engrenagem de processamento dessa matéria prima, produzindo sociedades.

É, certamente, brilhante perceber que ainda hoje, se possa delimitar claramente, a partir de tais conceitos de Foucault, toda uma mecânica governamental, suas políticas e estratégias.

Fazer uso de conceitos como governamentalidade e biopolítica para entender fenômenos sociais têm se

tornado ferramentas valiosas para a produção de pesquisas desde então. Principalmente porque elas permitem algo fundamental para Foucault, a desnaturalização do presente. Tal como a doxa bourdiesiana, Foucault parte de uma indagação que continua presente no âmago das ciências sociais e humanas: por que afinal, em sociedades marcadas pelos extremismos, como da desigualdade, violência, guerras, miséria, essas sociedades ou a própria humanidade, simplesmente se estabilizou de tal sorte, que esses fenômenos são aceitos, até certo ponto, de maneira consensual ou legitimada?

Para responder a essa doxa é que Foucault evidenciou os conceitos de governamentalidade e biopolítica. Para desnaturalizar essa configuração social totalitária, para mostrar que não se trata da verdade natural, apenas de uma conjugação de fatores, da construção histórica, que a partir da arqueogenealogia pode ser revelada e contraposta.

No presente, em um momento histórico que se adverte pela sua profunda polarização nas populações ocidentais, em especial no Brasil, falar em governamentalidade no sentido foucaultiano é vislumbrar a genealogia dos problemas que a sociedade brasileira por mais de século escolheu ignorar. A escravização dos negros, a desigualdade, a miséria, a violência, o racismo, entre outros, se tornaram os pilares das construções histórico-sociais que sustentam as políticas e estratégias dos governos totalitários.

Se hoje, no nosso país, podem os governantes invocar discursos discriminatórios, negar o racismo, pregar a violência e o assassinato institucional, é vital para a ciência

e para a sociedade, a desnaturalização dessas "verdades" fundadas em saberes e poderes necropolíticos.

Considerações finais

Pensar na produtividade do referencial foucaultiano remete a assumir os limites que marcam este processo de apropriação. Evidencia-se uma lacuna na produção acadêmica do campo da saúde a respeito da adoção do referencial foucaultiano em investigações, sejam dos espaços institucionais e políticos de formação e de atuação profissional, sejam de discursos científicos e suas potentes derivações práticas, sejam de formas de ser, pensar e agir, dentro de nossos aparatos.

Os estudos nessa perspectiva desconstrutivista e foucaultiana fomentam a produção de múltiplos discursos, propõem interrogações radicais, desestabilizam formulações fixas e apriorísticas acerca do sujeito, visibilizando múltiplos e instáveis discursos sobre o mesmo e inaugurando novos exercícios de auto-reflexividade (SOUZA RAMOS et al, 2007).

Que novos resultados teríamos se tal apropriação fosse mais amadurecida e ampliada? É possível pensar e “pensar-se” fora de tais aparatos que constituem o social e nos constituem? Quem sabe, em exercícios de reflexão crítica, para além desses aparatos? Ou acerca das consequências dos mesmos sobre o que somos nesse momento? Seria essa a pertinência de Foucault para nos ajudar a pensar a ética nos desafios políticos e sociais?

Enfim, tal pertinência pode ser regatada na tarefa politicamente indispensável proposta por Foucault, de uma “ética do si” como prática da liberdade. Não por que a relação consigo mesmo seja o ponto exclusivo de resistência possível ao poder político, mas porque governamentalidade traduz “o conjunto das práticas pelas quais é possível constituir, definir, organizar, instrumentalizar as estratégias que os indivíduos, em sua liberdade, podem ter uns em relação aos outros”. (FOUCAULT, 2004, p. 286).

Se tal demanda já era válida nas ultimas décadas, que dirá nos últimos anos e meses? No campo da saúde, sob graves ameaças e retrocessos em direitos que pareciam assegurados, antigos objetos de estudos reemergem em sua urgência — nossos valores, nossos conceitos, nossos modos práticos de propor, eleger prioridades, enfrentar restrições e atuar sobre necessidades de saúde. Ideias e práticas que precisam ser entendidas em suas condições históricas e políticas, no interior de discursos que as instituíram, visibilizaram, conformaram; que ganham e perdem força em jogos atualizados.

Ainda caminhamos no terreno movediço de nossos projetos, mas o jogo se inova a cada dia. Os corpos continuam mergulhados no político; produzidos, investidos e marcados, mas as estratégias (submissão, exploração, violência, domínio, controle?) se avolumam e se transformam. Os interesses e configurações de poder (e as novas possibilidades de resistência) estão em confrontos no campo midiático, no qual *“a realidade não é a realidade, mas a questão; se a verdade não é a verdade, mas o problema; se perdemos já o sentido da realidade e se, [...] desconfiarmos da verdade, tere-*

mos, talvez, que aprender a viver de outro modo, a pensar de outro modo, a falar de outro modo, a ensinar de outro modo”. (LARROSA, 2010, p.164)

A desnaturalização do presente talvez seja o que pode fraturar o silêncio da submissão e da descrença; estas parecem ter tornado as preocupações e as perguntas enfraquecidas, desnorteadas, famintas e imóveis; mas até quando?

Para momentos difíceis há que se fortalecer o questionamento sobre os sistemas de inteligibilização tomados como naturais e seguros, sobre as narrativas postas e, até mesmo, aquelas narrativas que tomamos como nossas, pois a crítica jamais pode ser *“uma mera intermediária entre o afastamento de alguns deuses e a consagração de outros”* (LARROSA, 2010, p.182).

Isso vale para a política, tanto quanto vale para nossas tecnologias e ferramentas de trabalho, no cuidado à saúde, na educação, na gestão; como para qualquer dimensão da nossa vida. Nós (profissionais/enfermeiros) criamos/ usamos tecnologias ou somos criados por ela?

O que nos governa hoje? Que dados, informações são produzidos para nos operar e como se irradiam para toda uma moralidade, para a política, a economia? Quem está no jogo? Quem está sendo decisivo e o que/quem é manuseado?

Para concluir, um dose de F. Scott Fitzgerald, apud Canguilhem (2005) como um possível sinal sobre a tarefa intelectual de nosso época.

Toda vida é, desde cedo, um processo de demolição [...] A marca de uma inteligência de primeiro plano é a capacidade para

concentrar-se em duas ideias contraditórias sem perder a possibilidade de funcionar. Por exemplo, deveríamos poder compreender que as coisas carecem de esperança, e não obstante estar resolutos a transformá-las

Referências

_____. **A história da sexualidade II – o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

ARAÚJO, Inês Lacerda. Foucault e a crítica do sujeito. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

CANGUILHEM, G. **Escritos sobre a Medicina.** Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2005.

CASTRO, Edgardo. El vocabulário de Michel Foucault. Bernal: Univ. Quilmes, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 2005

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I – a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos, Vol. IV: estratégia poder saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, M. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos & Escritos V: Ética, Sexualidade, Política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 264-287.

FOUCAULT, Michel (1984). Foucault. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org). **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. p. 234-239.

FOUCAULT, Michel (1984). O retorno da moral. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org). **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c. p. 252-263.

FOUCAULT, Michel (1984). Uma estética da existência. In: In: MOTTA, Manoel Barros da (Org). **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. p. 288-293.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V**. 26 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 273-295.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GROS, F. (org.) **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 65-88

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 26. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

MOREY, M. La cuestión del método. In: FOUCAULT, M. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica. p. 9-44. 1991.

MORICONI, Ítalo. O espectro de Foucault. In: Falcão, L. F.; Souza, P. **Michel Foucault – perspectivas**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

NALLI, M. A. G. Édipo Foucaultiano. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, (2000).

RABINOW, Paul. **The foucault reader**. New York: Penguin Books, 1991.

RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michael Foucault - Uma Trajetória Filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

REVEL, Judith. **Expériences de la pensée – Michel Foucault**. Paris: Bordas. 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SMART, Barry. **Michel Foucault** – revised edition.
London/New York: Routledge, 2002.

SOUZA RAMOS Flávia Regina, COELHO S. PADILHA
Maria Itayra, OLIVEIRA VARGAS Mara Ambrosina de,
ROLIM MANCIA Joel. Foucault & Enfermería: Arriesgarse
a pensar de otros modos. **Index Enferm** [revista en la
Internet]. 2007 Sep [citado 2012 Abr 26] ; 16(57): 37-41.
Disponible en: [http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_](http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1132-12962007000200008&lng=es)
[arttext&pid=S1132-12962007000200008&lng=es](http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1132-12962007000200008&lng=es).

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3 ed.
Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Dados dos autores

Alessandra Cabral de Lacerda

Enfermeira do INTO (Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia). Mestre em Enfermagem. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Docente da Universidade do Grande Rio. E-mail: aleclacerda@globo.com

Alexandra Ferreira

Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (de qual universidade?) E-mail: xanferr@gmail.com

Álvaro Pereira

Enfermeiro. Doutor em Filosofia da Enfermagem. Professor titular aposentado da Escola de Enfermagem da UFBA (Universidade Federal da Bahia), onde é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. E-mail: alvaro_pereira_ba@yahoo.com.br

Ana Carla Petersen de Oliveira Santos

Graduada e mestre em Enfermagem pela UFBA (Universidade Federal da Bahia). E-mail: acarlapetersen@hotmail.com

Angela Aparecida Peters Rodrigues

Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Docente da Faculdade Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora/MG. E-mail: angelaprodrigues@yahoo.com.br

Arthur Ramos Gonzaga

Advogado. Doutourando em Sociologia Política da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). E-mail: tuca_gonzaga@hotmail.com

Cristina Nunes Vitor de Araújo

Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem. Enfermeira técnico-administrativa da Unidade de Pequenos Lactentes do Complexo Hospitalar Universitário Professor Edgard Santos da UFBA (Universidade Federal da Bahia). E-mail: cristinavitor22@yahoo.com.br

Deybson Borba de Almeida

Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Docente da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana). E-mail: dbalmeida@uefs.br

Dulcinéia Ghizoni Schneider

Enfermeira. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), onde é professora adjunta. E-mail: dulcineia.schneider@ufsc.br

Flávia Regina Souza Ramos

Enfermeira. Pós-doutora em Educação. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), da qual é professora titular aposentada. E-mail: flavia.ramos@ufsc.br

Francielly Zilli

Terapeuta Ocupacional. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). E-mail: franciellyzilli.to@gmail.com

Gilberto Tadeu Reis da Silva

Enfermeiro. Pós-doutor em Ensino em Ciências da Saúde. Professor titular da Escola de Enfermagem da UFBA (Universidade Federal da Bahia). E-mail: gilberto.tadeu@ufba.br

Gisele Fernandes Tarma Cordeiro

Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). E-mail: gisele_fernandes123@hotmail.com

Graziele de Lima Dalmolin

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora adjunta do Departamento de Enfermagem da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria). E-mail: grazi.dalmolin@gmail.com

Igor Ferreira Borba de Almeida

Dentista. Mestre em Saúde Coletiva pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), onde é doutorando do mesmo programa de pós-graduação. E-mail: borbadealmeidaigor@gmail.com

Ingredy Nayara Chiacchio Silva

Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFBA (Universidade Federal da Bahia). E-mail: ingredy.cs@gmail.com

Laiane da Silva Santana

Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFBA (Universidade Federal da Bahia). E-mail: laianesantana00@gmail.com

Laura Cavalcanti de Farias Brehmer

Enfermeira. Pós-doutora em Enfermagem. Professora adjunta da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). E-mail: laura.brehmer@ufsc.br

Mara Ambrosina de Oliveira Vargas

Enfermeira. Pós-doutora. Professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) E-mail: ambrosina.mara@ufsc.br

Maria Angélica de Almeida Peres

Enfermeira. Pós-doutora em História da Enfermagem. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ

(Universidade Federal do Rio de Janeiro). E-mail: angelica.ufrj@uol.com.br

Maria Itayra Coelho de Souza Padilha

Enfermeira. Pós-doutora em História da Enfermagem. Professora titular da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Professora visitante da Escola Paulista de Enfermagem. E-mail: itayra.padilha@ufsc.br

Nivia Vanessa Carneiro dos Santos

Enfermeira. Mestranda em Enfermagem do Programa de Pós-Graduação da UFBA (Universidade Federal da Bahia). E-mail: nivia_vanessa@hotmail.com

Wanderson Alves Ribeiro

Enfermeiro. Mestre em Ciências do Cuidado em Saúde pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da UFF (Universidade Federal Fluminense). Professor da Universidade Iguaçu e da UCB (Universidade Castelo Branco/RJ). E-mail: nursing_war@hotmail.com

Impressão e acabamento

egba

IMPrensa OFICIAL DA BAHIA
GOVERNO DO ESTADO

**FOUCAULT COMO REFERENCIAL TEÓRICO
METODOLÓGICO NA PRODUÇÃO
CIENTÍFICA DE ENFERMEIRAS**

Este livro foi composto no formato 15,0 x 21,0 cm, fonte Minion Pro (texto principal e títulos). Papel miolo Offset 90 g/m² e papel da capa Cartão Supremo 250g/m², com tiragem de 200 exemplares, em abril de 2020.

Este livro foi desenvolvido por pesquisadores que, há mais de trinta anos, tem como referência teórica e metodológica o pensamento do filósofo francês Michel Foucault. Trata-se de uma perspectiva em que se mostra como funcionam as escolas, as cavernas, as prisões e os hospitais. Por isso, torna-se duplamente valiosa: possibilita a análise das práticas sociais na/da Saúde Brasileira e a compreensão do discurso, do poder e do sujeito na/da Enfermagem.

ISBN: 978-65-00-00882-1

